

Elpídio Fernandes da Silva



Carlos Azevedo

**A explosão de uma vida
contida no casulo
da história**



Mal de Alzheimer, demência que atinge o portador no tempo e no espaço, comprometendo as ações, as emoções e as reações, ou seja **INCAPACIDADE DE ATOS DA VIDA CIVIL!** Perplexa com estas palavras tomei-me de uma profunda tristeza. Mas considerei imediatamente um de seus mais importantes ensinamentos: Deus nos deu **RAZÃO, SENTIMENTO e CONSCIÊNCIA.** E através da luz azul de seu olhar, pela qual me comunico com ele até hoje, aceitei a situação e comecei a me transacionar com ela. Meu sentimento passou a ser entendido como "o bem de Alzheimer".

Por este prisma, refiz uma geometria existencial, onde a matemática tendia ao infinito, pois são 79 anos multiplicados por 365 dias, por vinte e quatro horas, por sessenta minutos acrescidos de milhões de segundos vividos e divididos. Sem nunca tê-lo percebido subtrair. Otimizou o tempo, aproveitou todos os espaços conquistados, realizou todos os sonhos e seus ideais através de ações precisas, de precisão e de necessidade, vivenciou todas as emoções e usufruiu de todas as reações, mesmo as contrárias, pois seu espírito de poeta, fazia qualquer um declinar de sentimentos negativos. Exauriu assim toda a sua capacidade cerebral pensando até que a utilizava na expressão máxima de 100%.

Mas, o "bem de Alzheimer" não tocou seu coração. Deixou-o em paz para oxigenar nossas almas e assim continuar a nos exemplificar como existir na sabedoria do silêncio lúcido e nas palavras mudas de olhares tantos. Olhares expressivos e cheios ainda de sabedoria. Mas o que me deixa especial e particularmente feliz é que ao falar: **EU TE ADORO**, em seus ouvidos e outras falas sobre os meus sentimentos afetuosos, como a minha eterna e profunda gratidão, ele me sorri, com sucessivos sorrisos.

Sorrisos sonoros e melódicos, compassados de **AMOR.** Nosso mútuo e único sentimento durante toda a nossa vida.

E, este verdadeiro Amor é a marca maior de toda a personalidade de um mortal que conheci chamado **CARLOS AZEVEDO.**

Um beijo terno de sua única filha,

Vera Lúcia

Edição de Arte
Fabia R. S. Madureira

Capa
Raquel Freire

Revisão
Rodolfo Francesconi

Impressão e Acabamento:
Gráfica e Editora Irmão Gino Ltda.

SILVA, Elpídio Fernandes da.

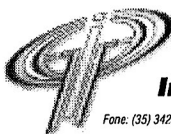
Carlos Azevedo: A explosão de uma vida contida no
casulo da história -- Pouso Alegre, MG : Gráfica e Editora
Irmão Gino, 2001.

Biografia.

1. Biografia 2. Literatura Brasileira
I. Título

Todos os direitos reservados
Autoriza-se citações ou transcrições
desde que citada a fonte

DIREITOS EXCLUSIVOS DO AUTOR
Impresso no Brasil
Printed in Brazil



**Gráfica e
Editora
Irmão Gino**

Fone: (35) 3423-7340 - Fax: (35) 3423-4324
e-mail: graficagino@uol.com.br
Rua 7 nº 25 - Bairro Sta. Angelina - Caixa Postal 226
CEP 37550-000 - Pouso Alegre - MG

Elpídio Fernandes da Silva

CARLOS AZEVEDO

**A EXPLOÇÃO DE UMA VIDA CONTIDA NO
CASULO DA HISTÓRIA**

Pouso Alegre
2001

SUMÁRIO

Prefácio

Apresentação: Como surgiu a idéia do livro

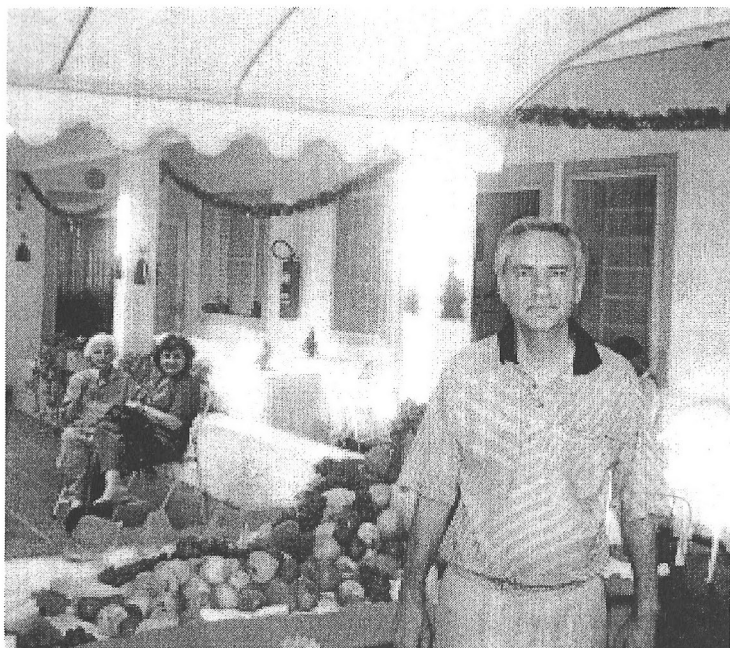
A origem do sobrenome Azevedo	21
A história de 7 gerações que deve ser preservada	25
Ingresso na carreira militar	47
Diário de guerra	57
Aos pracinhas de Pouso Alegre	151
A consolidação do amor	157
A chegada do primeiro filho	161
A chegada do segundo filho	171
A chegada da filha Vera Lúcia	175
Buscando aperfeiçoamento	179
O diploma de Engenheiro	183
A promoção a Major	185
A Docência	191
Novas promoções e a Reserva	225
Atividades após a carreira militar	227
Poemas, versos e cartas	229
O Testemunho do Sobrinho Antônio Eugênio	247
Remexendo o passado	251
O encontro com Drummond	255
O carinho do amigo de infância!	257
O reencontro com Aureliano Chaves	259
A enfermidade	261

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi concluído graças à dedicação de todos os familiares do biografado, que não obstante seus inúmeros afazeres, dispensaram-me a máxima atenção, notadamente sua esposa Sra. Maria Aparecida, que ao lado de sua filha Vera Lúcia, acompanharam passo a passo a elaboração e adaptação do livro. Foram elas as responsáveis pela parte da confecção material e ilustrações de textos, tudo feito com zelo insuperável.

*Deixo aqui um agradecimento especial às seguintes pessoas: Sra. Ivanise Vitale Cardoso, sobrinha do biografado, responsável pela digitação de suas poesias; Sra. Maria de Lourdes, irmã caçula do Carlos, e seu irmão Gilberto Azevedo, pelas informações e testemunhos que prestaram. Registro em particular minha profunda gratidão ao Sr. **Rodolfo Francesconi**, nosso honrado hóspede que, com seu zelo impecável pela língua pátria, foi o responsável pelas correções e revisões dos textos de toda a obra.*

Elpídio Fernandes da Silva



Dezembro/1999 - CGI
Nosso hóspede Rodolfo Francesconi
(responsável pela revisão dos textos).

PREFÁCIO

“Carlos Azevedo - A explosão de uma vida contida no casulo da história”

Quando recebi o honroso convite para prefaciar a coletânea sobre a vida de Carlos Azevedo, aceitei com incontida alegria, especialmente porque via neste gesto uma homenagem a toda a coletividade do C.G.I. Santo Emídio.

Já na primeira leitura de algumas poesias de autoria do biografado, pude aquilatar, sem exagero, que esta obra se constituía numa grande contribuição à literatura contemporânea. Nela, seus autores, testemunhas oculares de acontecimentos na vida do biografado, narram com sutileza os detalhes da vida de tão extraordinária figura humana, tornando a leitura agradável, de profunda sensibilidade e delicadeza de espírito.

Após examinar o dossiê que recebi, percebi que durante sua adolescência e juventude aconteceram fatos relevantes que contribuíram para definir o perfil e a formação de seu excelso caráter. Ficou claro que ele se entregou de corpo e alma, com todo ardor de sua natureza forte e impetuosa, à busca de seus sonhos e ideal de vida. Amava seu trabalho e agradecia a Deus por ter-lhe dado tantas oportunidades.

Sabemos que no Brasil, quando um livro não didático chega a vender 50 mil exemplares, é considerado um best-seller, um sucesso editorial. Não é este o objetivo do mesmo. O que fica evidente e se pretende é que, além da homenagem

ao biografado, pessoas que o conhecem possam guardar no seu âmago este presente dadivoso e a satisfação de passar, de geração em geração, a grande oportunidade que tiveram de conhecê-lo.

Dentro de uma visão conjunta, o conteúdo se caracteriza pelo estilo simples e original de seus autores. Apresentados separadamente, eu diria, sem fazer comparações, que o biografado lembra em muito uma passagem contida no Evangelho de Jesus Cristo, segundo Mateus 20,28; “Pois, o Filho do Homem não veio para ser servido. Ele veio para servir, e dar a sua vida em favor de muitos”, ficando transparente que o biografado norteou sua vida em servir seus semelhantes, sua Pátria e em especial sua família.

Há na alma deste livro um sentimento de extrema magnitude e cito como exemplo um trecho dos versos do biografado, feito em 13 de maio de 1984 sob o título “ENCONTRO COM JANDYRA, UMA VISITA INESQUECÍVEL”, onde ele rima com maestria a seguinte poesia:

***Aqui, uma árvore com estória a lembrar
Ali, uma planta caseira que sabe curar
Era mesmo o quintal da casa de meu pai, “seu
Azevedo”***

***Onde eu houvera sido herói-menino sem medo
Onde, cheio de emoções, mundo fazia
De sonhos e fantasia.***

É um livro dirigido às pessoas sensíveis, e é a elas que é oferecida esta preciosidade, que podemos chamar de livro de ouro. Sim, é um livro de ouro, tanto pelo objeto de que trata, como pela fonte de onde emana. São páginas que parecem criadas por inspiração sublime. Quanto à

montagem, são exatas e precisas, têm a rara e preciosa vantagem de serem escritas em linguagem que todos podem compreender.

Posso afirmar, sem exageros, que esse livro foi escrito por inúmeras pessoas, talvez mais pelos exemplos de vida do que pelos fatos narrados. Certamente com a crença de que o corpo é perecível, mas a alma é imortal e não com a exuberância dos que tudo sabem. Não pretende, pois, colher aplausos ou manifestar grandezas. É um livro humilde e simples, escrito com os olhos e o coração voltados para quem busca forças para nova caminhada na esperança.

As narrativas contidas na coletânea, com certeza, irão despertar e mostrar uma nova maneira de ver, viver e conviver com nossos semelhantes. Ao se aprofundar na leitura, você colherá ensinamentos com os olhos da alma, que se sentirá extasiada ante o culto de tudo que é bom e belo.

Elpídio Fernandes da Silva

*Primeiro Secretário da Associação Beneficente da
Paróquia de Santo Emídio de Vila Prudente e da Equipe de
Comunicação da mesma Paróquia.*



Carlos e a esposa, Maria Aparecida, o autor do livro e Primeiro Secretário da Associação, Elpídio e Silvia (fisioterapia).

APRESENTAÇÃO

“Carlos Azevedo - A explosão de uma vida contida no casulo da história”

Esta coletânea sobre a vida de Carlos Azevedo é uma obra de referência atualizada e ilustrada que conta a história real de tão importante figura humana de uma maneira clara, objetiva e dinâmica. O enfoque dos temas, apresentados em ordem cronológica, vai desde a chegada de seu pai ao Brasil nos fins do século 19. Após, segue passando pela sua infância, adolescência, juventude, mocidade e maturidade, encerrando com seu ingresso em 02/05/1998, no CGI Santo Emídio, onde permanece até a atualidade.

Na narrativa teremos a oportunidade de acompanhar pormenores de sua caminhada, desde a tenra infância até a ditosa velhice. Notar-se-á no transcorrer das explanações, que Deus fortaleceu e lapidou sua fé, lançou a boa semente em seu íntimo e lhe enterneceu o coração. A esperança de um porvir risonho conduziu-o a exercer a fraternidade, o amor puro, a compreensão - enfim, foi agraciado pela luz da razão para discernir o seguimento da estrada reta da existência. Solidificou a essência de seu raciocínio e num lampejo de sublimes revelações norteou seus passos de ventura.

Quando por vezes se encontrava fatigado, recorria a Deus, sua maior coluna de sustentação e tabernáculo de alívio de suas aflições, mantendo-o com a alma sedenta de verdadeiro idealismo – “A Palavra de Deus passou a ser lâmpada para os seus pés e luz para o seu caminho”

(Sl 119, 105). Seu coração foi moldado desde a alvorada da vida com a têmpera mais resistente da fé, cuja perseverança teve embasamento na vivência cristã de sua mãe e av , obedientes aos ensinamentos dos Evangelhos e das Sagradas Escrituras.

Para facilitar a leitura, cada página procura sempre estabelecer uma conexão entre passado e presente, sem nunca desviar da verdade, o que julgo preferível e imprescindível.

As mais de 50 imagens que ilustram estas páginas foram captadas dos arquivos do próprio biografado, que são mantidos, conservados e zelados pela sua esposa Maria Aparecida, e que a nós foram cedidos para classifica o e montagem do presente histórico. Têm tanta riqueza precisa ser valorizada e preservada.

A preocupa o maior de todos os que contrib iram para tornar possível a realiza o desta obra foi a de mostrar os valores fundamentais da vida humana e resgatar os valores que realmente contam para vivê-la na plenitude, pois ...

Viver   preciso!... Porém, viver em plenitude, feliz, conforme o desejo de Deus, que   a ponte para a paz e amor absoluto.

Viver   preciso... Buscar as coisas do alto, porque o nosso Deus   o Altíssimo (Gn 14,18). Aprofundar um modo particular de viver em ora o de louvor e de agradecimento, sobretudo pelo dom da vida, acolhedora da mensagem de Cristo.

Viver com amor e confiança, empenhando-se por favorecer a realiza o de um contexto humano social e espiritual, no seio do qual toda a pessoa possa viver todas as etapas da própria vida, de forma plena e digna. Viver

num mundo como o de hoje, no qual são muitas vezes mitificados a força e o poder, temos a missão de testemunhar os valores que deveras contam para além das aparências, e que permanecem para sempre porque estão inscritos no coração de todo ser humano e são garantidos pela palavra de Deus.

Como nos diz Dom Luciano Mendes de Almeida em seu artigo semanal na Folha de S. Paulo (14/04/2001):

“Dizer “sim à vida” é redescobrir a beleza de cada dia que nasce – dom de Deus – como convite à libertação do egoísmo e à experiência da doação gratuita e generosa ao próximo.

O “sim à vida” começa em cada lar, no seio da família, no olhar da compreensão, no gesto de afeto, no abraço de quem esquece mágoas e acredita na sinceridade da conversão e na força da graça de Deus. É, também a exemplo de Maria, confiar na palavra de Jesus, perder o medo da morte e crer na promessa da felicidade eterna”.

Foi esse “sim à vida” que norteou e iluminou o caminho de Carlos, quando ainda adolescente, partiu de sua querida Pouso Alegre em busca de seus sonhos e ideais.

Pessoas como ele têm uma contribuição específica a oferecer para o desenvolvimento de autêntica cultura de vida - testemunhando que cada momento da existência é um dom de Deus e cada período da vida humana tem as suas riquezas específicas a serem postas à disposição de todos.

Após ter sido transferido para a Reserva, em fevereiro de 1966, ele pôde experimentar que o tempo, transcorrido sem o tormento de tantas ocupações, pode favorecer uma reflexão mais aprofundada e um mais difundido diálogo com Deus na oração. A sua maturidade

impele-o, além disso, a compartilhar com os mais jovens a sabedoria acumulada com a experiência, sustentando-os na fadiga de crescer, dedicando-lhes tempo e atenção no momento em que eles se abrem ao futuro e procuram o próprio caminho na vida.

Peçamos a Deus que nos acompanhe pelos caminhos da vida e nos auxilie a pronunciar como ele fez o nosso sim à vontade do mesmo Deus, pois ninguém como ele mostrou-nos um dos aspectos mais centrais da missão dos seguidores de Jesus Cristo: testemunhar o dom da vida e viver o amor fraterno.

Este homem é, para mim, um templo vivo de reverência e porque não dizer de referência, pois norteou seus passos no mais puro sentimento de justiça, de fidelidade de propósitos, enfim, não é nenhum passe de mágica. É a explosão de uma vida contida no casulo da história. É a larva que rompe as peias que a prendem para voar para a eternidade.

Caro(a) leitor(a), se viver é preciso!..., vamos nos espelhar na história da vida de uma figura humana ímpar, que desde sua infância e adolescência, na sua querida Pouso Alegre, vislumbrava um viver na mais alta acepção da palavra.

Uma mensagem-conselho que julgo importante foi extraída da caderneta pertencente ao seu avô, que foi entregue ao seu pai (seu Azevedo, como ele próprio diz em suas poesias), quando este embarcou para o Brasil em fins do século 19 e que é a seguinte: “Os conselhos que vou lhe dar estão, na maior parte, escritos não nas folhas dos livros, mas nas páginas da vida”.

Elpídio Fernandes da Silva

Como surgiu a idéia do livro

Numa tarde de sábado no fim do outono do ano 2000, tive a feliz oportunidade de conhecer a digníssima Sra. Maria Aparecida Simões Azevedo, que na ocasião fazia uma de suas habituais visitas ao seu esposo Carlos.

Ao me apresentar, informei-lhe que estava procedendo um levantamento (recadastramento) de nossos hóspedes, com a finalidade de um melhor direcionamento de nossos serviços, notadamente o de Psicologia e Terapia Ocupacional.

Notei no transcorrer de nossa conversa que ela tinha em mãos um livro, cujo título ficou-me muito bem gravado na memória: “Estórias do Mandu”. Na capa, um desenho de uma ponte sobre o Rio Mandu na antiga Pouso Alegre. Da. Maria apontava para a capa e dizia ao esposo:- “Lembra dos mergulhos que você dava nesse rio quando menino?”. Evidentemente, não recebia resposta do esposo, mas ninguém mais do que ela compreendia aquela situação, pois foi a primeira a detectar os primeiros sintomas da enfermidade do esposo.

É interessante observar como as coisas não acontecem por acaso. O meu ponto de vista, aliado à fé ardorosa no Altíssimo, me fez ver que tudo é desígnio de Deus. À medida que Da. Maria ia me passando os dados solicitados, fui percebendo que entre nós existiam muitos pontos em comum.

Para resumir, vou citar apenas o conteúdo final de nossa conversa. Quando informei Da. Maria que a direção do C.G.I pretendia montar um “memorial” com a finalidade de resgatar e valorizar a memória do passado

de nossos hóspedes, observei enorme interesse de sua parte e após me passar os dados sobre a vida de seu esposo, tive certeza de estar diante de um riquíssimo acervo e que tudo estava consentâneo com os nossos propósitos.

Finalizando, Da. Maria informou que seu esposo sempre teve o desejo de escrever um livro e que para tanto já possuía vários versos e poemas de sua autoria. Como no momento ele se encontrava impossibilitado de realizar seu grande sonho, a família estudava a possibilidade de render-lhe esta homenagem.

Após nos despedirmos, combinamos que voltaríamos a conversar a respeito da montagem do “memorial”.

Passadas algumas semanas da entrevista, recebi a agradável notícia de que a família havia resolvido concretizar a idéia do livro. Maior e mais agradável surpresa ainda, foi quando me convidaram para prefaciar e supervisionar a obra, que aceitei com incontida alegria.

Quando recebi em mãos a empolgante e farta documentação dos dados para a composição da biografia, por zelosa iniciativa de sua esposa Maria Aparecida, percorri-os de um modo tão intenso, pois habitualmente assim faço quando tomo contato com algo tão rico em detalhes, coisa rara nos dias atuais.

Com efeito, sempre me pareceu – salvo circunstâncias muito especiais – ver antes as fotos que acompanham os documentos, e só depois lhes ler o texto. Entretanto, foi precisamente o que fiz, logo que tive em mãos tão rico acervo. Deparei-me com uma foto do Carlos, tirada por ocasião de seu ingresso na Escola de Cadetes e de imediato sua fisionomia me causou tão profunda impressão, que passei a folhear os álbuns à procura de outras relíquias como aquela. A que mais me impressionou

foi a de uma linda mocinha, então com 10 anos de idade. Tratava-se da mãe do Carlos, Dinorah. Em clima de êxtase, imediatamente passei um fax para D. Maria, que no dia se encontrava no Rio de Janeiro, na casa de seu filho Paulo César, com o seguinte teor: - “Foto da linda jovem Dinorah tirada no ano de 1899. Esta foto com mais de cem anos, com certeza está gravada indelével nos corações de toda família Azevedo”.

Após examinar cuidadosamente inúmeras outras, cada qual mais expressiva que a outra, fui analisando-as e selecionando uma a uma, o que vale afirmar que fui recolhendo sucessivas impressões de respeito e, ousado dizer, de profunda simpatia, até ter visto detidamente a última. Realmente, no decurso de toda minha existência, poucos foram as fisionomias que encontrei tão profundas e tão lúcidas, e ao mesmo tempo tão impregnadas de mansidão, bondade, ternura. Então, com avidez, passei à leitura dos textos, concisos, densos e atraentes. No início da leitura, dois sentimentos me dividiam. Um era o desejo de conhecer de perto pelo menos os principais lances da história do Carlos ao longo dos quais lhe fora dado formar sua nobre e resoluta personalidade. O outro, que se explica em homem tão vivido quanto eu, era o receio de encontrar no histórico algo que deslustrasse, por pouco que fosse, sua insigne personalidade. Porém, antes de chegar ao final da narração de sua biografia, já não temia eu encontrar qualquer decepção.

Não tardei em me certificar de que a alma deste grande líder era feita de uma só peça. E foi assim que se me evidenciava a cada passo, conservando sua alma íntegra e pura até o dia de hoje. Carlos se manteve altaneiro, e sempre fiel aos fundamentos cristãos. Foi sempre o mesmo, com as mesmas virtudes, com os mesmos propósitos.

Ao concluir a leitura dessa biografia tão marcante, fica-me sobretudo impressa no coração a cena comovedora de seu encontro com o inesquecível poeta Carlos Drummond de Andrade no ano de 1942, onde “mineiramente” o episódio tornou-se um “UAI”.

Todos gostaríamos de conhecer, com riqueza de pormenores, não só alguns, mas todos os seus escritos e as sucessivas narrações de suas inúmeras viagens, tanto as de caráter profissional, como as do cumprimento do dever para com sua Pátria ou ainda as de lazer. Porém, como se trata de uma vastidão incomensurável de vicissitudes, vou resumir e citar o que julguei mais oportuno e essencial para o momento, para que esta biografia, apesar de assim reduzida, pudesse circular de mão em mão, propiciando atingir o maior número de leitores.

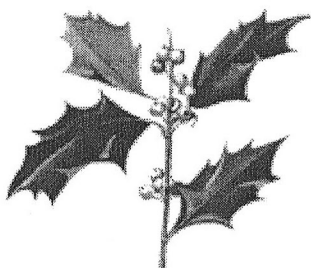
Quem sabe!...e tomara a Deus aconteça, que uma próxima edição da obra apareça enriquecida de tudo aquilo que aqui não foi possível incluir.

C.G.I. Santo Emídio
Elpídio Fernandes da Silva

A comunidade não se apropria do que faz, mas atribui o que faz ao seu **verdadeiro autor: Deus**, agindo através de Jesus e se servindo da comunidade como um instrumento”. At. 3,1-26

ORIGEM DO SOBRENOME AZEVEDO

SÉC. XII



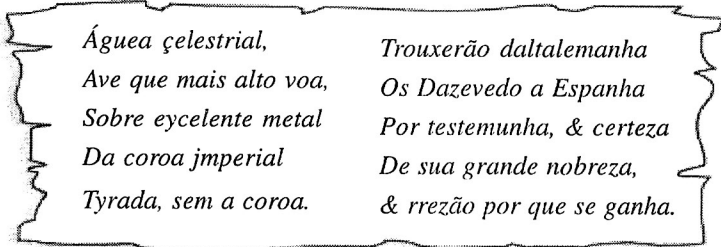
AZEVO: árvore do azevinho
AZEVEDO: plantação de azevas,
bagas de azevinho, cujos frutos
constituem verdadeiras bagas.

AZEVEDO. Procedem os destes apelido de D. Pedro Mendes de Azevedo, chamando-se assim por viverem no couto e honra de azevedo, no concelho de Barcelos. D. Pedro Mendes era filho de D. Mem Pais Bulfinho ou D. Mendo Bufião, e de sua mulher, D. Sancha Pais, neto paterno de D. Paio Godins e de sua mulher, Maria Martins, bisneto pelo dito avô de D. Godinho Viegas de Baião, que edificou o mosteiro de Vilar de Frades, nas margens do Cávado, junto de Barcelos, e de sua mulher, Maria Soares, filha de D. Soeiro Guedes da Várzea, fundador do mosteiro da Várzea, o qual D. Godinho, depois do nascimento do filho, a deixou, matando-o por tal motivo seu sobrinho D. Paio Guterres de Penha, filha de seu primo Egas Gosendes. Por D. Godinho Viegas era terceiro neto de D. Egas Gosendes de Baião, rico-homem do Rei D. Afonso V de Castela, que em 1124 deu foral a vila de Sernancelhe, e de sua mulher D. Uzeu Viegas, filha de D. Egas Hermigues, o *Bravo*, e de D. Gontinha Eriz, que fundou o mosteiro de Freixo; quarto neto de D. Gosendo Araldes de Baião, esforçado cavaleiro do tempo do rei D. Fernando de Castela e D. Garcia e seu filho, aos quais prestou valioso auxílio nas pelejas contra os Mouros, e senhor de Baião e de muitas fazendas nas margens de Cávado, possuindo também o

senhorio de Penaguião e o ofício de governador da Justiça, que exercitava no ano de 1030. Seu quinto avô, pai do referido D. Gosendo Araldes, foi D. Arnaldo de Baião, senhor da mesma terra, que serviu o Rei D. Afonso V de Leão contra os Mouros, na Galiza e no Entre Douro e Minho, onde povoou diversos lugares, e de sua mulher, D. Ufo, que provinha do sangue real dos Godos. Alguns autores pretendem que D. Arnaldo de Baião era filho de Guido, Imperador da Itália, bisneto de Carlos Magno, Imperador dos Romanos.

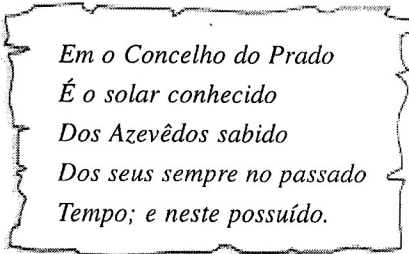
Mesmo que D. Arnaldo não provenha de tão ilustre tronco, grande devia ser a sua nobreza, pois deu sangue às mais distintas linhagens da Península e princípio às mais respeitadas famílias.

João Rodrigues de Sá dedicou aos Azevedos os seguintes versos:



<i>Águea çelestial,</i>	<i>Trouxerão daltalemanha</i>
<i>Ave que mais alto voa,</i>	<i>Os Dazevedo a Espanha</i>
<i>Sobre eycelente metal</i>	<i>Por testemunha, & certeza</i>
<i>Da coroa jmperial</i>	<i>De sua grande nobreza,</i>
<i>Tyrada, sem a coroa.</i>	<i>& rrezão por que se ganha.</i>

Manuel de Sousa da Silva também os cantou nesta quintilha:



*Em o Concelho do Prado
É o solar conhecido
Dos Azevêdos sabido
Dos seus sempre no passado
Tempo; e neste possuído.*

As armas usadas pelos Azevedos são: De ouro, com uma águia estendida de negro. Timbre: a águia do escudo.

O ramo dos Azevedos que possui o senhorio de S. João de Rei acrescentou as armas, trazendo: Esquartelado: o primeiro e o quarto de ouro, com uma águia estendida de negro; o segundo e o terceiro, de azul, com cinco estrelas de seis pontas de prata, e bordadura cosida de vermelho, carregada de oito aspas de ouro. Timbre: uma das águias do escudo.

Fonte: “Armorial Lusitano”

Ed. Zairol Ltda - Lisboa - Portugal (pgs. 71-72)

“Armorial”: Livro em que se registram os brasões



Azevedo



*Azevedo, dos
Senhores de S. João
de Rei*



D. Maria, esposa do Carlos - em homenagem pela passagem de seu aniversário comemorado nas dependências do CGI.



“A HISTÓRIA DE 7 GERAÇÕES QUE DEVE SER PRESERVADA”

Ascendência pelo lado paterno e materno:

Pelo lado paterno, Carlos é bisneto do português Manoel Pereira de Azevedo e Joaquina Dias Alves Pimenta (avós pelo lado paterno de seu pai) e Domingos de Sousa Rodrigues e Umbelina Candida Alves Rodrigues (avós pelo lado materno de seu pai). Carlos é neto de Domingos Alves Azevedo (*1841+1931) e de dona Emília Alves de Souza Rodrigues Azevedo. Seu avô Domingos era natural da cidade do Porto e proprietário de fábrica de cordas e doces cristalizados. O casal teve inúmeros filhos. Vamos citar apenas Antônio Alves (pai do Carlos), nascido na cidade do Porto no dia 18 de dezembro de 1875. Veio para o Brasil em fins de 1889. O Brasil passou a ser sua segunda Pátria – a qual amou, respeitou e reverenciou até a sua morte.



*Domingos Alves Azevedo,
avô de Carlos
(1841-1931)*



*Antônio Alves de Azevedo,
pai de Carlos
(1875-1931)*

Pelo lado materno, Carlos é bisneto de Jean Pierre Gay (*1815 +1891) e Marie Magdelaine Gay, ambos de origem francesa. Jean era agricultor. O casal teve oito filhos, destacamos apenas o filho Fernando Gay (avô do Carlos), casado com Carolina Mendel (avó do Carlos). Sua avó nasceu em Paris no ano de 1868 e faleceu na cidade de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais, no ano de 1930. O casal veio para o Brasil em 1870, mais precisamente em Uruguaiana - Rio Grande do Sul, dando origem aos Mendel do Sul. Carolina Mendel era filha de Isidoro (alemão) e de Amabile Philboois (francesa).

O casal teve apenas uma filha, nascida em Uruguaiana no dia 29/08/1888, recebendo o nome de Dinorah.

Obs.: O Sr. Isidoro Mendel, tinha dois irmãos, ricos industriais (“Perfumes Mendel”), estabelecidos em Buenos Aires – República Argentina.



Dona Carolina, avó materna de Carlos



*acima Dinorah,
mãe de Carlos
aos 60 anos*

Foto da linda mocinha Dinorah com 10 anos de idade oferecida aos seus tios. Esta foto com mais de 100 anos, é com certeza, uma dádiva indelével gravada nos corações de toda família Azevedo.

Antônio Alves Azevedo (pai do Carlos), conheceu a jovem Dinorah no ano de 1902, recém chegada de Uruguaiana, com quem logo noivou, contraindo núpcias em 1905.

COMARCA DE POUSO ALEGRE

O casal teve sete filhos, Carlos foi o penúltimo, nascido em 01/07/1922, na cidade de Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais.

No ano de 1938, aos 16 anos de idade, Carlos conheceu a jovem Maria Aparecida Simões, também de 16 anos, com quem namorou por 7 anos, vindo a contrair núpcias no ano de 1945. Da união nasceram 2 filhos e uma filha, conforme segue:

Antônio Carlos Simões, nascido na cidade do Rio de Janeiro no dia 19/08/1946, que casou-se com Ana Rosa, nascida em 07/07/1950. O casal tem duas filhas, Alessandra (03/08/1972) e Karla (17/11/1975).

Paulo César Simões Azevedo, nascido na cidade de Juiz de Fora – MG, no dia 25/11/1947, casado com Théa Lúcia Azevedo, nascida em 07/04/1948. O casal teve três filhos, Mara Lúcia (29/04/1971), Marco Antônio (14/06/1974) e Márcio Augusto (25/08/1978). A filha Mara Lúcia é casada com Eduardo Karrer (19/12/1961). Tiveram uma filha em 25/07/2000, que recebeu o nome de Luiza. Portanto, Luiza é a primeira bisneta do casal Carlos e Maria Aparecida.

Vera Lúcia Simões Azevedo (a caçula), natural de Itajubá, Estado de Minas Gerais, nascida em 21/04/1949, casada com José Alberto Fonseca Souza (21/08/1947). O casal não tem filho. O Sr. José Alberto tem um filho de nome André. Declarações de Vera: “- O André não é meu filho biológico, mas é como se fosse, tanto é o carinho e o amor que lhe dedico.”

* * *

Tudo começou assim

No dia 1º de julho de 1922, na cidade de Pouso Alegre - Sul do Estado de Minas Gerais, nascia o menino Carlos, filho do português Antônio Alves Azevedo (1875-1931) e da brasileira Dinorah Mendel (1888-1966). Seu pai era natural da cidade do Porto - Portugal e sua mãe natural de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul (ancestrais oriundos da França e Alemanha).



*1924 - O menino Carlos
aos 2 anos de idade*

Voltando um pouco no tempo, vamos ver como tudo aconteceu:

Nos fins do século 19, mais precisamente no final

de dezembro de 1889, chegava ao Rio de Janeiro um adolescente de quatorze anos, Antônio Alves Azevedo, vindo do Porto, sua cidade natal. Embora de família de posses e de fina educação, com alta posição social, pois seu pai Domingos Alves Azevedo era industrial com fábrica de cordas e de doces cristalizados, produtos que eram exportados para a Inglaterra, o jovem Tonico, como era chamado por seus familiares, emergia para o Brasil, como tantos outros compatriotas seus, em busca da construção de um futuro próspero.

Trazendo várias cartas de recomendação para altos comerciantes da praça do Rio de Janeiro, logo se empregou em uma firma de ferragens, que vendia mercadorias importadas da Europa, pois no Brasil nessa época nada se produzia nesse ramo. Prosperando profissionalmente, no começo do século 20, era cometa (caixeiro-viajante) fazendo as linhas São Paulo, Rio e Sul de Minas, onde permanecia em demoradas viagens em torno de seis meses, afastando-se da casa Matriz. Em 1902, conheceu em Pouso Alegre a linda e prendada jovem Dinorah Mendel, recém chegada de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, com quem logo noivou, contraindo núpcias em 1905.

Da união nasceram sete filhos. Carlos foi o penúltimo, nascido em 01 de julho de 1922.

Carlos - ou Carlitos, como o chamavam as tias de Portugal em sucessivas cartas que chegavam a Pouso Alegre, era uma criança sadia e feliz, viva e peralta, com traços físicos muito parecidos com o pai. Era muito mimado pelos seus padrinhos de batismo, o juiz de Direito local, Dr. Dráuzio Vilhena de Alcântara e sua esposa Sinhá, casal sem filhos e que por isso lhe dedicava especial afeição.

O início de uma vida cercada de carinho, zelo e determinação

A semente lançada em terra fértil produz frutos em abundância (Mt 13,8 e Lc 8,8)

Para iniciar narrando acontecimentos desde a sua infância, achei oportuno usar parte de escritos do próprio biografado, contidos em seu livro de poesias “**Transformações**”, onde fiz algumas mudanças e adaptações, acreditando com isso poder mostrar a essência do que ele queria expressar na época em que escreveu.

O menino prodígio de Pouso Alegre, dos mergulhos em águas do Mandu, das jabuticabas furtadas do quintal de sua professora, a poetisa Jandyrá Meyer, das ruas tranqüilas, das casas antigas, becos e praças, dialogando com o coração e alma, de um tempo sem abrolhos, sem espinhos, das vivências, das lembranças, das travessuras sadias que se eternizam na mente, da terra amada, da primeira namorada, de árvores com histórias a lembrar, de plantas caseiras que sabem curar, da casa de seu pai “seu Azevedo”, onde era herói menino sem medo, que cheio de emoções, um mundo fazia, de sonhos e fantasia.

As saudades de seu quintal, de lindas coisas e segredos que hoje o mundo não tem. Quintal que, para ele, era doce praça de guerra, anfiteatro, palco de amor também, onde, após as aulas vinham colegas meninas saborear do parreiral, uvas mui finas, entre elas beleza tanta confundiam-se com o fruto da planta!

Em seu cavalo de vassoura marcial, em batalha crucial, sua espada de bambu, o muro bombardeava com granadas de chuchu. Oh! Personagem de Cervantes, quantas inspirações marcantes, que fazia da vida apenas

um brinquedo, guerra de mentira, sem maldade, e que mais tarde, quis o destino fosse verdade. Oh! Velha casa dos Meyer, de poesia relicário, guarda em si sublime santuário, tanta lembrança, tão culta, tão sensível, infinita no amor visível, que por onde ela vinha, pulando o muro o audacioso, para deliciar-se do rosário frutuoso, que nos galhos de pretas contas das jabuticabeiras, almas brancas de doçura prontas.

Obs. O texto abaixo foi transcrito do livro **“Transformações”** de autoria do próprio biografado. Seu conteúdo retrata com fidelidade a vivência de sua infância e adolescência.

Encontro com Jandyra, uma visita inesquecível

“Visitar a cidade onde se nasceu e viveu a adolescência e se a gente se prepara para isso é emocionante. Cada pedaço uma pequena vida.

As ruas, as casas antigas, quanto mais amigas, mais saudosas.

E foi o percorrer as ruas de Pouso Alegre que me possibilitou queimar saudades. E a gente tem mesmo que queimar saudades, senão o peito explode.

E com esse espírito fui ziguezagueando pelas ruas, becos e praças, dialogando sempre com meu coração e minha alma.

E num desses momentos vi, colhendo flores em seu jardim, uma senhora simpática, numa casa que guarda toda a jovialidade arquitetônica do meu tempo de criança. Quem era? Ora, que surpresa! Era minha antiga professora, a poetisa amada de Pouso Alegre, pertencente a uma família

de poetas ilustres: Jandyra Meyer nos seus 84 anos.

Claro que fui abraçá-la e nem sei se lembrava de mim, pois também fui cantado em seus versos quando voltaram da 2ª Guerra Mundial os pracinhas de Pouso Alegre. Jandyra, hoje com 84 anos, lúcida como menina.

E desse encontro transformei em versos que é a maneira mais carinhosa de se manifestar emoção. Vamos a eles...

*Ao ver Jandyra, pulsou meu coração
E clamei a atenção
Da poetisa maior
Que colhia o melhor
Em seu florido jardim.
Sim? Mirou-me tintim por tintim,
Em seus olhos vi gravado
A busca da memória onde me achava hibernado.
-É o Carlos da Dinorah!
Suba! Entre! Um abraço vem de lá!
Eu que já houvera enaltecido
Em seus versos de cristal vivido,
Entrei. Olhei tudo, tudo toquei por inteiro
Fazendo-me do passado prisioneiro
E, com minh'alma tecendo saudades,
Juntei pedaços de amenidades.
De um tempo sem abrolhos, sem espinhos
E em cada canto da casa fui fazendo ninhos.
Jandyra leu versos, repassou vivências,
Eu revolvi reminiscências...
Vi quadros antigos, objetos, telas,*

*Falamos coisas, tantas e belas...
Mas, nada foi tão comovente,
Só igual aquilo que se sente
Quando no peito transcende emoção.
Em dado momento ela pegou-me pela mão,
Levou-me, carinhosamente, à porta do quintal
Onde se descortinava seu mundo ambiental
E, qual São Bernardo a Dante, guiou,
Lembranças e seu Paraíso mostrou.
Oh! Quintal da casa da gente!
Como se eterniza na mente
Esse pedaço de terra amada,
Tal qual a lembrança da primeira namorada!
Foi passeando meus olhos, me emocionando
E num terço de lágrimas minh'alma rezando.
Aqui, uma árvore com história a lembrar
Ali, uma planta caseira que sabe curar.
Era mesmo o quintal da casa de meu pai, "seu"
Azevedo
Onde eu houvera sido herói menino sem medo
Onde, cheio de emoções, mundo fazia
De sonhos e fantasia.
Eram os dois quintais iguais, mesma disposição,
Lembrando sido feitos pela mesma mão,
Tal o jeito tão ordeiro,
Do mesmo e sensível jardineiro.
Era similar o seu plantar,
Cada árvore era um símbolo, um altar,
De uma ou outra planta, ao pé anexa,*

*Em geometria desconexa.
Até nos objetos postos a esmo
Tinha semelhança: era, sim, era o mesmo
Que o meu quintal, do tempo de criança
E eu já tinha esperança
De poder rever um tão igual.
Ah! Que saudades, que saudades do meu quintal!
Lá, possuí lindas coisas e segredos,
Arquitetados em meio aos meus folguedos.
Nada disso, hoje o mundo inteiro não tem.
Doce praça de guerra, anfiteatro, palco de amor
também
Onde, após aulas, vinham colegas meninas
Saborear, do parreiral, uvas mui finas
E eu, entre beleza tanta
As confundia com o próprio fruto da planta!
Vendo teu quintal, Jandyra, me lembrei
O quanto amei
As árvores enfileiradas,
Compondo alamedas sombreadas
Do meu quintal, onde de guerreiro brincava,
Minha barraca de campanha armava
E, em meu cavalo de vassoura, marcial,
Preparava uma batalha crucial,
Desembainhando minha espada de bambu
O muro bombardeava com granadas de chuchu!
Após a grande vitória,
Completava minha glória,
Enchendo d'água o capacete até o fim,*

*Virando-o, em seguida, sobre mim
Para fingir-me suado,
Marchando até ficar trôpego e cansado.
Oh! Personagem de Cervantes,
Quantas inspirações marcantes
Tu me destes, D. Quixote, em tal folguedo,
Ao fazer da vida, apenas um brinquedo.
Guerra de mentira, sem maldade
E que mais tarde, quis o destino, fosse verdade,
Inspirando delicada lira
Nos românticos versos de Jandyra
Ao homenagear os que, à lida,
Representaram a Pouso Alegre aguerrida.
Bem, do quintal à sala nos quiseram,
Local onde tantos versos lidos se fizeram.
Ah! Velha casa dos Meyer, de poesia relicário,
Guardando, em si, paz sublime santuário.
Que mercê!
Foi ter estado dentro de você:
Tanta lembrança, tanto Vinícius, tão culta, tão
sensível,
Infinita em seu amor visível.
Por tudo isso, Jandyra, nossa visita amiga
Virou esta cantiga
Que, por certo, também, tu iras poetizar,
Pois, ainda não cansaste de amar.
-Sabes? Às vezes por aqui, rondar eu vinha,
A ver no largo antigo, uma saudade que eu tinha...
Olha lá, Jandyra, a jabuticabeira me olhando,*

*Como se ficasse lembrando,
Com seus galhos me acusando,
De pecados cometidos
Noutras eras, noutros idos.
Vou fazer, agora uma penitência
Confessando peraltice repleta de arte e ciência:
“Uma noite, pulei o muro de tua casa, audacioso,
Para deliciar-me do rosário frutuoso
Que, nos galhos, fazem as pretas contas
Das jabuticabas, almas brancas de doçura
prontas.
Do roubo, um pouco para minha mãe levava,
Remorso? Mas era o que me aliviava...
- “Jura de onde vieram!” austera a mãe indagava,
- “Foi D. Jandyra que as mandou”, eu mentia, eu
jurava...
Esta visita, te digo nos adeus da despedida,
Foi uma enchente “manduana” de emoções
sentida!
E quanto às jabuticabas roubadas, em hora morta,
Agora, o que importa?
Se tudo na velha cidade
Em ser apenas sombra, só restou SAUDADE!*

Pouso Alegre, 13/05/1984.

Carlos Azevedo

* * *

Guarda lembranças indeléveis no seu puro coração, como aquele dia festivo, dia de luz, inesquecível verão de 1923, 20 de janeiro, quando aos seis meses de idade ingressava na comunidade de Jesus, dia de seu batismo, e cuja certidão conserva com especial carinho e zelo.



Carlos Azevedo Batizado em 20 de Janeiro 1923
 filho de Sr. Maria Azevedo e Sr. João Azevedo
 11/01/1931

11/01/1931 - Lembrança da 1ª Eucaristia do menino Carlos Azevedo, notando-se que seu batizado foi realizado em 20 de janeiro de 1923.

Oh! Menino tocado pelo Espírito de Deus, quando aos sete anos de idade (1929), demonstrando a iniciação de seu talento, com mais onze amiguinhos, representava um dos 12 apóstolos, encenando a “Santa Ceia”.



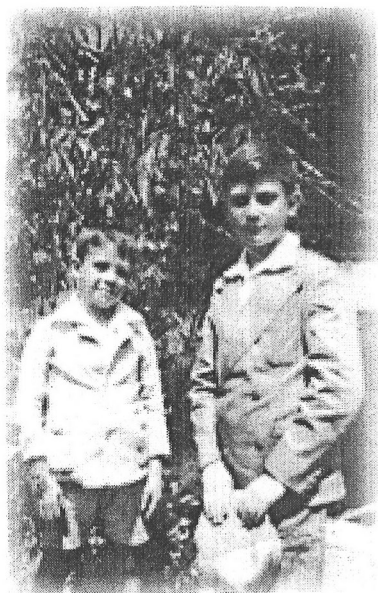
Por volta de 1929 - menino Carlos Azevedo com aproximadamente 7 anos e mais 11 amiguinhos (12 apóstolos) representando a Santa Ceia.

Dia marcante, inesquecível, 11 de janeiro de 1931, dia de grande emoção, de júbilo sem fim, aos nove anos de idade, na primeira comunhão, recebia pela vez primeira o Pão da Vida. Jesus entrava em seu coração, fazendo-o perseverante na fé e apreciar retamente todas as coisas.

Aos 10 anos (1932), ostentava com orgulho seu primeiro diploma. Concluía o curso primário, feito no Grupo Escolar Monsenhor José Paulino, sob os cuidados de sua professora predileta dona Judite Sapucaí. Sua mãe Dinorah, nesta época viúva, era professora de Trabalhos Manuais e Vice-Diretora do referido Grupo. No primeiro diploma, concluído de modo brilhante, recebeu boas notas em todas as matérias apresentadas.



11/01/1931 – foto do menino Carlos com 9 anos de idade, por ocasião de sua primeira comunhão. Aqui começava uma linda caminhada de vida cristã (herança de família).



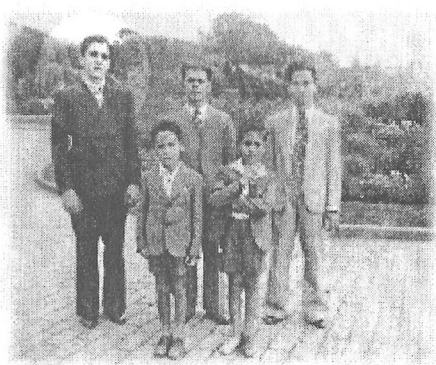
1928 - Carlos aos seis anos ao lado de seu irmão Gilberto com dez anos.



Década de 30 – Carlos (sentado ao centro) por ocasião da conclusão do curso primário.

Aos 16 anos (1938), momento de expressar seu sentimento nobre de render graças a quem norteou seus passos na vida. Ao receber seu diploma ginásial, concluído no tradicional Ginásio São José, trazendo-o apertado junto ao peito, foi agradecer a Deus a dádiva generosa e, após, foi beijar as santas mãos de sua mãe Dinorah. Sim, as mãos que os lírios invejam, pois foram elas, nas longas madrugadas que, trabalhando em rosas e camélias cetinosas, em buquê de violetas caprichosas, educava todos os seus filhos, **“Com flores eduquei meus filhos, com eles enfeitei meu lar”**. Esta frase em negrito, feita pelo biografado, refere-se a uma homenagem dele para sua mãe Dinorah, em reconhecimento por tudo que ela fez aos seus filhos, após ter ficado viúva no ano de 1931.

Oh.....!, menino que, foi do passado prisioneiro, que tudo viveu por inteiro, e com a alma tecendo saudades, juntava pedaços de amenidades, que em cada canto da casa foi fazendo ninhos. Menino que lembra o quanto amou as árvores, enfileiradas, compondo alamedas sombreadas, que no seu quintal de guerreiro brincava e barraca de campanha armava.



12/03/1937 - Destaque de Carlos em visita à cidade de São Paulo aos 15 anos. Anotação feita no verso da foto: “Recordação de minha heróica e aventureira viagem a São Paulo.”

No ano de 1939, então com 17 anos de idade, Carlos seguiu para o Rio de Janeiro, sendo recebido afetuosamente pelos irmãos Gilberto e Emília, esta casada com o 1º Tenente Pedro Luiz Taulois. Foi morar na Rua José Higino, na Tijuca.

Carlos conseguiu logo emprego como auxiliar de escritório na importante casa comercial de departamentos - José Silva - na Miguel Couto - loja hoje não mais existente. Foi graças a um amigo de Pouso Alegre, **Braz Lopes**, chefe de um dos departamentos, que Carlos se empregou. Em homenagem ao grande amigo, 55 anos após, Carlos fez o seguinte acróstico ao mesmo:

Acróstico feito em homenagem ao amigo Braz Lopes

Ao amigo Braz Lopes pela passagem de seus 80 anos:

*Bonito, alto e corajoso
Rápido nas transações comerciais
Amigo nosso eternamente e muito
Zeloso com a família !!!*

*Loquaz
Otimista nas convicções
Pedindo a Deus, na
Espontaneidade da vida
Saudades para viver cem anos !!!*

Rio 10/01/1994

À noite estudava em curso de preparação para o vestibular à Escola Militar do Realengo, onde conseguiu lograr êxito nos exames do concurso, matriculando-se em 1940.



*Carteira de matrícula do Carlos ao ingressar
como cadete na Escola Militar do Realengo.*

INGRESSO NA CARREIRA MILITAR

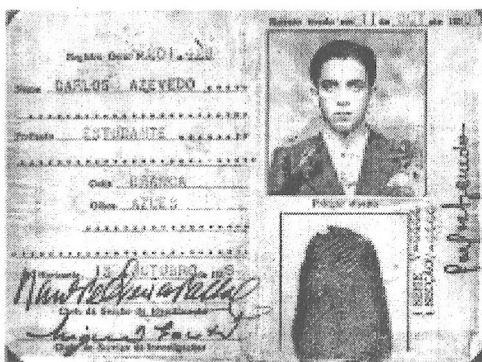
Uma carreira de inalterável disciplina e acentuado espírito militar.

Sua vida militar teve início no dia primeiro de abril de 1940, como Aspirante a Oficial Cadete da Escola Militar do Realengo - especialidade Arma de Artilharia.

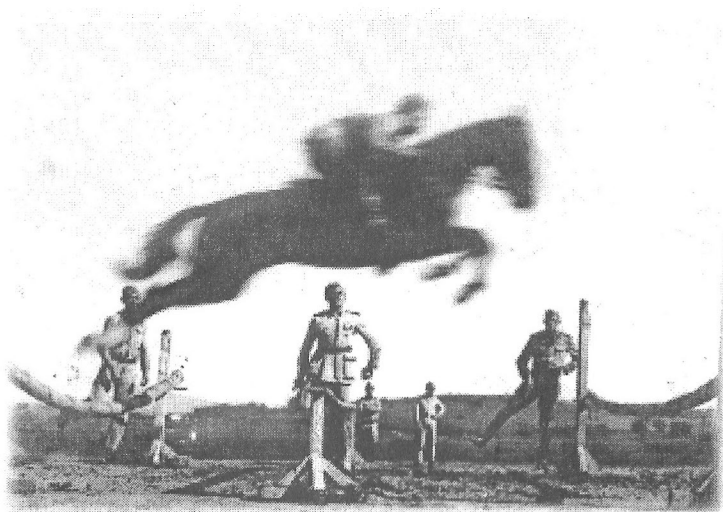
Em 17 de setembro de 1940, logo após completar 18 anos de idade, recebeu elogios pela sua participação nas diversas comemorações da Semana do Soldado e da Pátria e na tradicional cerimônia do compromisso militar e distribuição de espadins aos novos cadetes.

Em 25 de outubro do mesmo ano, recompensa pela esplêndida impressão de sociabilidade, correção, entusiasmo e disciplina esportiva, manifestados quando da disputa da taça Henrique Lage.

Em 08 de janeiro de 1944, de acordo com o Regulamento da Escola, aprovado pelo decreto número 5.847 de 22/06/1940, foi declarado, em primeira época, Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia. Ficou exultante de alegria e entusiasmo e foi um garboso e vibrante cadete.



*Carteira de
Identidade do Carlos
tirada em 11/10/1938*



23/01/1942 – Pouso Alegre, 8º RAM – Carlos cadete 222 – Salto à cavalo, superando seis metros.



O cadete Carlos, ao completar o Curso de Aspirante a Oficial Cadete na Escola Militar do Realengo.

A Primeira Promoção

Logo após ter sido aprovado a Aspirante a Oficial, ou seja em 12 de maio de 1944, com 22 anos incompletos, recebeu sua primeira promoção, recebendo o posto de 2º Tenente, e em seguida assumiu as funções de Diretor da Escola Regimental.

No dia 17 de janeiro de 1944, foi transferido por necessidade de serviço para servir no 6º RAM - Regimento de Artilharia Mecanizada, na cidade de Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul, onde permaneceu ocupando as funções de instrutor do Curso de Esclarecedores Observadores e Telemetristas.

O testemunho das primas do Sul

Os dados a seguir foram fornecidos pelas primas Zilda, Nilda e Zila, conforme carta resposta que recebi no dia 30 de março de 2001.

- Carlos chegou a Cruz Alta com um grupo de oficiais em janeiro de 1944. Foi servir no regimento de artilharia onde ficou hospedado. Uma de suas preocupações ao chegar à cidade foi, a pedido de sua mãe Dinorah, procurar pessoas de sua família. O primeiro contato foi com nosso pai Polycarpo Gay e nossa tia Amabilia Nunes, que todos chamavam de Bila.

Carlos era uma pessoa muito alegre e inteligente, cativou não só os parentes como muitas pessoas da cidade. Neste ínterim, foi acometido de uma apendicite aguda e teve de ser operado de emergência pelo Dr. Gabriel Miranda, médico e amigo da família. Passou muito mal, com risco de vida.

Foi graças a D. Irene Tavares de Melo (esposa do então Capitão João Tavares de Melo) que durante 30 dias consecutivos com seu gesto de atenção e carinho conseguiu reverter seu estado grave. Como gratidão desse gesto convidou-a para sua madrinha de casamento e do 1º filho.

Ao receber alta do hospital, segundo o médico, necessitava de atendimento especial. Então foi para casa de nossa tia Bila, onde teve uma convalescença com muito carinho de toda a família.

Os laços familiares se ligaram mais com a vinda de sua irmã Lourdes, que ficou hospedada em nossa casa. Papai Polycarpo e mamãe Clarisse, que tinha o apelido de Mimosa, gostavam muito de Carlos pela sua educação, gentileza e carinho que ele lhes dedicava. Frequentou sempre que possível nossa casa, almoçando, jantando. À noite, após o jantar, mamãe animava os serões com suas músicas atuais ao piano. Carlos gostava muito de música e dança, tocava ao piano “Le Lac de Come”, música que lembrava seus parentes ausentes.

A vida corria normalmente. Carlos, completamente restabelecido, participava ativamente das atividades da comunidade. Veio então sua convocação para a guerra. O primeiro impacto foi temeroso, visto ser ainda um rapaz muito novo. Papai, que sempre foi muito patriota, e só tinha três filhas, incentivou muito o Carlos, pois estava orgulhoso da missão que ele iria representar.

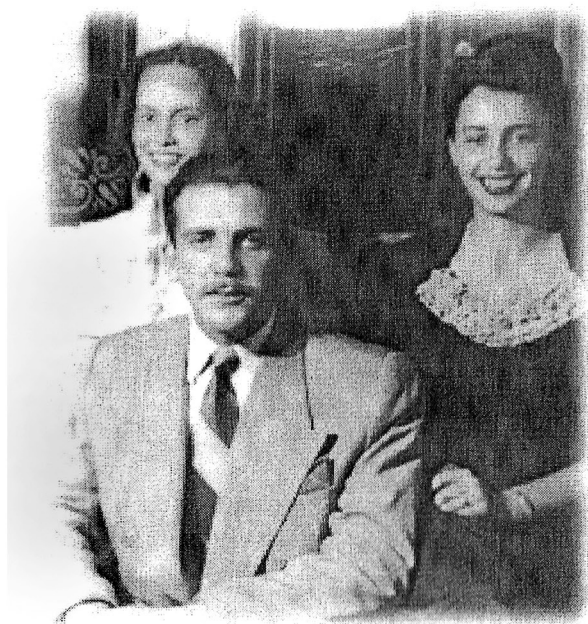
Na despedida houve um fato curioso. Foi feito um almoço com parentes e amigos. Ao final foi aberto um champanhe e quando Carlos largou sua taça após o brinde, papai comovido colocou um cartão dentro dela dizendo: “.....esta taça ficará guardada para sua volta, a fim de comemorarmos com muita alegria.. “

Carlos nunca deixou de demonstrar sua gratidão e o carinho que tinha por todos nós, sempre se manifestando em datas comemorativas. Esteve presente na festa dos 79 anos de papai. Sempre que íamos ao Rio de Janeiro, éramos cercados de gentilezas de Carlos e Maria. O último contato que Zilda teve com Carlos foi em Porto Alegre em sua casa junto com seu irmão Gilberto e nosso primo Fernando Gay da Fonseca.

Nesta breve passagem de Carlos em Cruz Alta foi o que conseguimos lembrar para atender seu pedido. Lamentamos profundamente a situação do nosso primo, pedindo a Deus que dê forças a Maria e seus familiares para suportar esta provação.



D. Irene Tavares de Melo, hoje com 93 anos de idade



1944 - Carlos aos 22 anos com as primas do Sul



*Carlos ao lado da prima
Nilda*

No dia 18 de dezembro de 1944, Carlos foi chamado para integrar o Centro de Recompimento do Pessoal da F.E.B., que deveria seguir com destino à cidade do Rio de Janeiro com a máxima urgência.

Ao desligar-se do 6º RAM, recebeu o seguinte elogio dos seus superiores: - “O Tenente Carlos Azevedo, dotado de apreciáveis qualidades e de distinta sociabilidade, que lhe permitiram conquistar no meio civil o justo apreço que é tido. Que o destino proteja a esse Oficial na honrosa e patriótica missão que a Pátria lhe confiou, certa de que nenhum mais do que ele realizará maiores e melhores esforços pela honra e pela sua glória”.

Quando o amor aparece e floresce

“Eternos Namorados”

*Foi tão diferente...
Os olhos se viram,
As almas se uniram,
Os ventos sopraram,
As chuvas caíram.
No encontro marcado,
Um beijo roubado;
Juraste ser minha
A vida inteirinha;
Jurei-te ser teu
E o amor floresceu!*

*Passaram-se os anos,
Resiste o amor,*

Pois do beijo roubado

Inda existe o sabor.

Carlos Azevedo - dia dos namorados / 1962

Durante a passagem do fim de ano de 1938, em sua querida Pouso Alegre, aos 16 anos de idade, conheceu a bela jovem Maria Aparecida Simões, também de 16 anos. A atração foi recíproca e o casal logo começou o namoro, que durou até fins de 1944, quando oficializaram o noivado. A oficialização do noivado aconteceu nove dias após ele ter sido convocado para a guerra, conforme telegrama que recebera da F.E.B. no dia 22 de dezembro de 1944.



Fins de 1938 . O jovem Carlos aos 16 anos de idade, na ocasião em que conheceu Maria Aparecida.



A jovem Maria Aparecida aos 16 anos de idade, na ocasião em que conheceu Carlos.

* * *

Convocação para a guerra



Carlos antes da convocação para a guerra

DIÁRIO DE GUERRA

As narrativas transcritas a seguir foram extraídas de seu Diário de Guerra, que começou a ser manuscrito no dia 21 de dezembro de 1944, quando servia em Cruz Alta - RS., como 2º Tenente, no 6º RAM, após ele ter sido convocado para a F.E.B.

Adendo: Se eu morrer, e quem o presente diário achar, peço que o remeta para Policarpo Gay, Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil, que depois me fará o favor de remete-lo à minha família.

Carlos Azevedo, 2º Tenente
Cruz Alta, 21/12/1944

É meu pensamento transcrever neste diário, mais sob o ponto de vista da viagem e da minha estadia na Europa do que propriamente sobre a guerra. Descrever mortes, bombardeios, ferimentos, combates etc, é mais triste que descrever uma viagem, uma cidade, um palácio ou coisa semelhante. Entretanto o meu espírito de soldado não permitirá deixar de narrar uma vitória, ou bonita derrota, e ainda mesmo um ato de algum colega ou mesmo meu que traduza num bem pela minha estremecida Pátria.

21/12/1944 - Cruz Alta, Rio Grande do Sul – Quando o Tenente Amerino Raposo Filho partiu para o Rio de Janeiro chamado pela FEB, pedimos, eu e o Tenente Herculano Augusto Virmond, para que conseguisse a nossa chamada também e, felizmente, no dia de hoje chegou o rádio que determina nossa partida para o Rio. É para mim este dia, talvez, o maior de minha carreira militar, pois partirei para a guerra!

Recebi ordens para embarcar às 13:40 horas, a fim

de tomar amanhã um avião em Porto Alegre.

Arrumei tudo às pressas e fui à casa do meu primo Policarpo Gay. Lá sou tratado como filho e a eles dedico muita amizade. Ofereceram-me um lauto almoço, como os de sempre e deram-me vários presentes: um escapulário de ouro das primas Nilda e Zila; uma faca de prata e ouro da D^a Mimosa e Poly; uma camisa de caçador em cujo bolso levo a rolha do champanhe que bebemos ao almoço; uma pulseira de prata do Major Felício e Bila; um São Jorge da Dinah. Após o almoço, rumamos todos à estação. Estava um grande movimento: banda de música do 8º RI; uma companhia formada com bandeira. Grande massa popular afluiu à estação para nos ver partir. Éramos cinco. Dois do 6º e três do 8º. Soldados dos dois regimentos quase que na totalidade do efetivo. Meu comandante, por quem tenho grande admiração (Coronel Osvino Ferreira Alves), e demais oficiais também estavam presentes.

Meus parentes estavam tristes e choravam por me verem partir e eu por deixá-los. Contive a minha tristeza. Fizemos tão boa e sã amizade, que nos foi difícil acreditar na separação.

Sentei-me no vagão. O trem apitou. Que emoção! Que vibração! Cheguei a sentir-me fora de mim. E o trem partiu e com ele uma grande saudade.

Lá ficou Cruz Alta, cidade muito interessante e a primeira que servi depois de oficial. Sentirei pesar em ter deixado lá boas amizades.

Lá ficou o meu 6º RAM, unidade de elite do Sul. Gostei imenso de ter trabalhado para ela.

Lá ficou o meu ordenança fiel, o meu cavalo Fugaz, a minha Bateria, enfim ficou em Cruz Alta alguma coisa de mim.

E o trem continuou, indiferente a tudo e a todos,

fumegando para vencer a serra. Surgiram depois grandes montes, depois uma enorme boca e depois Santa Maria. Mais tarde cachoeiras, depois um sono, para terminá-lo às 7:00 horas da manhã do dia seguinte.

22/12/1944 - Porto Alegre. Logo após a chegada fui para um hotel. Depois do almoço encontrei-me com o Hédio P.de Taulois e nesse dia jantei com ele num restaurante da Rua da Praia. Na parte da tarde fui requisitar passagem de avião. Estava prevista a nossa partida para hoje, mas por qualquer motivo foi transferida para amanhã. Foi bom, pois conheci a capital gaúcha. Bonita, hospitaleira, simpática e agradável.

À noite encontrei-me com uns colegas da aviação e às 10:00 horas fui deitar-me depois de ter telefonado para o Rio dizendo que chegaria amanhã.

23/12/1944 - Às 7:00 horas da manhã tomamos o avião "Los Andes" e chegamos às 11:00 horas a São Paulo. Descemos e almoçamos. Ao meio dia e pouco tornamos a embarcar e depois de enjoar demasiadamente, cheguei ao Rio de Janeiro às 14:00 horas. Encontro no aeroporto o Pedro, mamãe, Lígia e J.Carlos. Foi um grande contentamento. Minha mãe ainda não sabia que eu tinha sido designado para a FEB. Pensava que eu tivesse vindo de férias..., foi a desculpa do momento. Pois por mais patriótica que seja uma mãe, ela não deixará de sentir a ida de um filho para a guerra. E nesse doce convívio familiar passei este bom sábado, para continuar no domingo...

Rio de Janeiro, 24/12/1944 - ... o doce convívio na casa de minha irmã Emília, na Rua Captulino, 27, Rocha. Foi neste domingo que mamãe soube que eu tinha vindo para partir para a Europa. Foi uma noite semi-tristonha, mas depois convenceu-se que não era a única mãe de expedicionário.

25/12/1944 – Apresento-me a DA, ao EM da FEB, ao CRP da FEB e sou integrado ao 11º Batalhão e à 5ª Cia. (Oficiais e Praças de Artilharia). Isto é assim organizado para efeito de embarque.

Os preparativos no morro do Capistrano

Período de 26/12/1944 a 02/01/1945 - Rio de Janeiro - Morro do Capistrano - Começo, efetivamente, a trabalhar no Centro de Recompimento do Pessoal (CRP) da FEB. Unidade que se destina a recompletar os claros que se dão durante os combates. Está sendo organizado no Morro do Capistrano, na Vila Militar.

Há três expedientes por dia e aos domingos também. O acantonamento é um conjunto de desconforto e pouca higiene. Pouco se tinha, muito era pedido. Desanimado estaria se não mantivesse meu ideal sempre bem elevado e o moral bem definido. Trata-se de defender as gerações futuras de uma escravidão contrária a todos os princípios morais bem formados. O ideal suaviza assim todos os demais reveses. Muita desorganização e chefes fracos e por vezes pouco disciplinadores. Vamos constatar a veracidade dos seguintes fatos:

a) As refeições eram compostas de presunto, ovos cozidos e pão. Sempre eram acompanhadas de um mosquiteiro insuportável. Só tinha isto. E o homem da roça se adaptaria a uma mudança tão rápida e tão radical em sua alimentação? Diziam que o americano era assim! Mais tarde constataremos se o é de fato.

b) Um dia às 16:00 horas estava de oficial de dia e recebo ordens para aprontar 800 camas e refeições para um contingente que iria chegar às 21:00 horas. Eu e dois

aspirantes fizemos o que nos foi possível, mas não podíamos fazer milagres. Chegaram os homens. Chovia copiosamente. Vinham cansados e com suas bagagens e 200 no mínimo não encontraram onde dormir. Tiveram que o fazer no chão dos alojamentos. Refeição só tínhamos também para uns 500 e poucos. Mas como eram 23:00 horas, tudo ficou como estava, para ver como ficava. Nem o comandante do CRP, nem o do Batalhão ficaram para esperar o dito contingente. O do Batalhão só sabia dar ordens: “Olhe! Vai chegar um contingente. São 800 homens. Aprontar camas e refeições”. Sim, mas onde as camas e as refeições? E deixou este problema para que o tenente e os aspirantes R/2 resolvessem.

c) Um dia, certo soldado dá uma alteração. O comandante do Batalhão, manda amarrá-lo num poste, o dia todo, exposto ao sol do verão carioca! Outra alteração e ele mandou dar uma surra no soldado (acho que na guerra seria morto pelos amigos e não pelos inimigos). Quando os 5000 homens acantonados ali souberam daquela perversidade, ficaram indignados e na manhã do dia seguinte o Morro do Capistrano estava totalmente amotinado. O praça escalado para dar no soldado é preso e espancado. Cercaram o gabinete do major e só não foi surrado a valer ou assassinado porque seus oficiais, por um dever de disciplina, isso impediram. Contudo, não puderam deter a massa que atirava tomates e batatas para dentro da reserva do major, berrando-lhe palavrões e exigindo que mandasse trazer o soldado que apanhara, e que por tantos ferimentos estava baixado à enfermaria do 1º RI. Foi aí que, se acovardando, o “machão” do major mandou o Tenente Feliz num jeep trazer o soldado. Mal chegava o jeep no acantonamento, trazendo a vitima, os demais amotinados arrancaram-no da viatura e com ele passearam homenageando-o pelas alamedas do CRP. E assim, com a vitória dos amotinados, foi no dia seguinte destituído do co-

mando do 11º Batalhão o referido major, sendo substituído pelo Major Juremir Paiva de Castro.

Quando começou o motim, vi o soldado, que tivera a infelicidade de cumprir a ordem de espancar um seu colega, com a cabeça toda ensangüentada, pois logo de manhã os soldados já o tinham prendido e espancado. Chamei-o e tratei de levá-lo ao posto médico. Ele se negou a ir dizendo que seria de novo espancado. Chamei então um sargento e um soldado gaúcho, dos raros que não entraram no motim. Armei-os e convenci o soldado ferido que deveria ir. Quando rumamos para a enfermaria, nas proximidades do rancho, olhei para trás e vi uma onda de soldados com um sargento à frente e diziam: - “Olhe ele, foi ele que deu, vamos pegar”. E avançaram. Parei. Com calma disse: - “Vocês não compreendem que este soldado não tem culpa! Ele apenas cumpriu ordem”. O sargento continuou a falar qualquer coisa e então disse-lhe: - “Se avançarem, eu atiro, e com tal entonação e decisão dei voz ao sargento, acompanhado por dois auxiliares, que a avalanche resolveu parar, para mais tarde dirigir-se à enfermaria e tentar arrombá-la. Fiquei um pouco com o ferido e o médico e depois vi que precisava voltar, pois uma tropa de Deodoro estava cercando o acantonamento para manter a disciplina. Mas o médico pediu-me que tivesse paciência e ficasse ali, que ele não tinha prática de lidar com soldados naquela situação... Bem, chega de fatos, apesar de muitos outros poder citar, inclusive de um comandante de Companhia, que quando se dirigia, pela manhã, para fazer a chamada, os soldados em forma o recebiam com a saudação: - “Olha o barrigudinho!” Apesar disto tudo, meu Brasil está em primeiro lugar em tudo, e muito trabalharei e sempre conscientemente, **para que este meu esforço pudesse traduzir alguma coisa da minha alma de soldado, em proveito da minha querida Pátria.** Que melhore!

Minha opinião foi que o motim teve como cabeças famigerados comunistas, desgraçados anti-patriotas, mas que se originou de um ato fraco do comandante. Não só fraco como covarde, salvo se fosse ele próprio a dar no soldado, que apesar de ser indisciplina, não seria covardia. Felizmente, mudaram o comando.

Meu comandante de Companhia é o Capitão Artur Napoleão Montagna de Souza. Mais de um mês e quinze dias no Morro, preparando o soldado para o embarque e fichando-o de várias aspectos além do pagamento dos vários uniformes, preparamo-nos para partir.

04/02/1945 - Avisaram ser o último dia e que se fizessem as despedidas.

Passei a noite toda acordado, conversando com os meus e minha noivinha, até que amanheceu o dia 05/02/1945. Regressei bem cedo do Morro. Disseram que hoje ainda haveria uma saída. A Vila Militar estava “enfeitada” de sentinelas de 50 em 50 metros nas ruas principais e nas transversais do Morro.

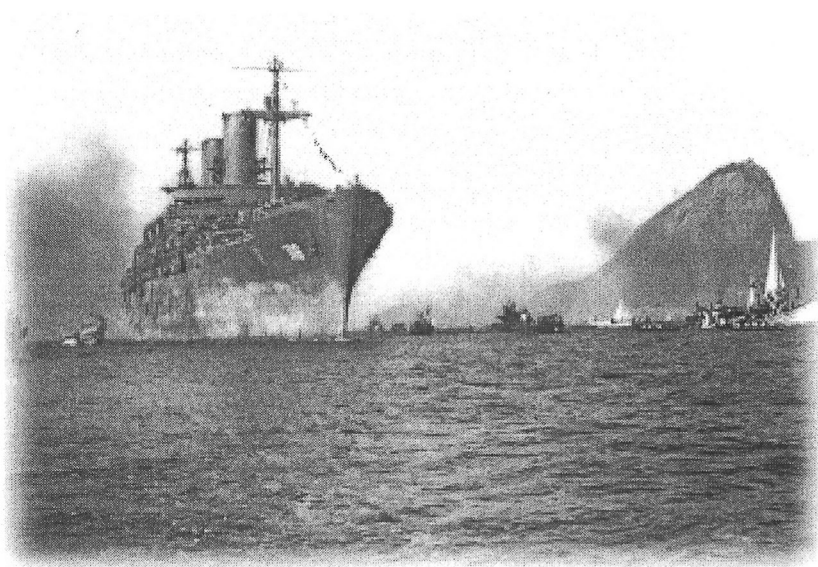
De fato, à tarde, ainda houve uma saída. Quando cheguei em casa foi uma verdadeira surpresa para todos, houve uma alegria diferente. Saímos todos para darmos umas voltas e fomos jantar num restaurante, depois à Igreja de São Bento, onde tomei a bênção para a garganta. Em seguida, fomos para a casa da mana Emília. Ficamos até 11:00 da noite, conversando. Deixei-os e rumei para a Vila com o mano Gil que servia no 1º RAM. Chegando ao Capistrano, deitei-me pensando na minha missão e senti-me alegre e satisfeito. Lembrei-me de todos e muito desta **querida Pátria**, pela qual **darei a vida se necessário for**, para que tenha um futuro próspero e feliz e para que haja liberdade para as gerações futuras, a fim de que as mesmas possam ufanar-se deste gigante.

E pensando nisso tudo, surgiu radiante o dia...

06/02/1945 – Acordei às 4:00 horas. Tomei o trem às 13:32 horas. Na Vila Militar ficou o ambiente do dia anterior. O trem partiu com destino ao Armazém 10, no cais do porto. Chegamos às 2:40 horas. Vim comandando o 3º e o 4º carro, num total de 94 homens. Desembarcamos. Tomei minha mala “A”, com 61 quilos, mais bernal, cantil, pistola etc.



07/02/1945 - Embarque para a Itália. Carlos de capacete na mão.



O navio "US Transport Naval General Meigs" partindo da Baía da Guanabara com destino à Itália

O EMBARQUE

Embarco no U.S.Transport Naval General Meigs, ocupando a cabine número 106, junto com meu colega Herculano (sempre estamos juntos). Depois de adaptar-me ao novo apartamento, fui tomar um bom banho e às 18:00 horas fomos chamados para o "supper". Cardápio: peru com espinafre e purê de batatas, geléia e mate salgado, pão, manteiga e leite. Que diferença para o presunto e ovo cozido! Gostei imenso. O paladar é meio adocicado, mas apetitoso. Para fazer o "quilo" dei umas ligeiras voltas pelo navio e fui dormir, pois o dia tinha sido de muito trabalho e me achava cansado. Este navio tomou parte na invasão da Europa, deixando as tropas americanas no estuário do Sena.

07/02/1945 - Levantei-me às 8:00 horas devido ao esgotamento da véspera. Breakfast: bacon and eggs, Kellogs Rice Krispies, geléia and coffee with bread and butter, isto é: toucinho com ovos, canjica, café, pão e manteiga.

Às 9:00 horas, Sua Exa., o Presidente da República Dr. Getúlio Vargas, visitou o navio e dirigindo-se aos brasileiros disse: - “Soldados do Brasil! Ides para a Europa a fim de, juntamente com os nossos aliados, compartilhar da mais terrível das guerras. Aqui ficam os vossos entes queridos que permanecerão sob a nossa guarda. Eles veneram os seus bravos que partem para a luta a fim de defender o Brasil e um mundo melhor para a geração futura. Ides ver outras terras, tão devastadas pelas guerras, que achareis o Brasil o mais belo país do mundo. Tenho ainda uma boa nova para dar-vos: os nossos aliados norte-americanos vão ceder-nos um transporte de guerra semelhante a este, o qual será tripulado por marinheiros brasileiros e estará em constante contato com as frentes de combate. Soldados do Brasil, que a bênção de Deus vos acompanhe, assim como vos acompanharão os votos de felicidades de todos os brasileiros”.

Narrativas da Viagem

Após estas palavras, Sua Exa. retirou-se. Às 16:00 horas, o navio desatracou para pôr-se ao largo da Baía. À proporção que ele se afastava, ia-nos aumentando o panorama e víamos das diversas janelas dos edifícios os lenços brancos que os nossos irmãos acenavam num desejo de felicidades.

Num certo lugar da Baía, ancorou. Ao anoitecer fui dar uma olhadela do convés para a cidade maravilhosa. O navio foi vigiado toda a noite por um rebocador que nave-

gava em torno. Recolhi-me. Estava para dar oficial de dia no compartimento número C303L, às 23:00 horas.

08/02/1945 - O calor é horrível. Dei ronda e estou um pouco cansado. Estava no breakfast quando percebi que o navio se deslocava. Rápido fui ao convés. Era precisamente 7:03 horas. O navio ganhava a saída da Baía. Segurando os ferros do tombadilho, lançava meu olhar ao longe, para que melhor pudesse reter a imagem da terra brasileira. Dentro de poucos instantes, só podia divisar a torre da Central e o Corcovado, onde Cristo, com seus braços abertos, parecia abençoar este navio que transportava defensores da liberdade... Agora surgem-nos as fortalezas: São João, Lage, Rio Branco, Copacabana etc. É a tristonha Gávea que nos depara no momento, depois as ilhas dispersas da entrada da Barra. E cada vez menos eram vistas terras brasileiras.

Oito horas depois de navegarmos, diviso Cabo Frio, numa ponta da Serra do Mar. E foi esse o último trecho do Brasil que meus olhos viram e meu coração sentiu. Emocionante este espetáculo: deixamos a Pátria para vingar a morte de irmãos, que tão covardemente foram abatidos nestes mesmos mares que navegamos em demanda do inimigo.

Que Deus me proporcione a ventura de tornar a vê-la! **Bendita terra aquela em que nasci.** Às 4:00 horas da tarde, houve sinal de alarme para abandono do navio, como exercício. Caramba!, se de fato houver torpedeamento, 80% morrem. O navio conduz 6000 homens, sendo 1000 da tripulação americana.

À noite, fui desfazer saudades tocando três músicas no piano: “Sempre em meu Coração”, “Le lac de Come” e “A Valsa da Despedida”, as quais sei tocar de cor e foram-me ensinadas pelas primas Nilda e Zilah. Depois joguei um pouco de víspera e fui dormir.

Ao deitar-me, o rádio de bordo avisou: “Atenção! À meia noite os relógios serão adiantados em duas horas. Providenciei logo a respeito. Estaremos, à hora dos fantasmas, atravessando um outro fuso. Com respeito à mudança de horário saíram as seguintes piadas:

a) “mandaram aumentar duas horas para que não fôssemos atacados por um submarino que nos espera à uma hora da madrugada”;

b) “o oficial de dia dará o quarto da meia noite às duas?”

E com esse ambiente de alegria, dormi.

09/02/1945 - Para início de conversa, entro de ronda às 3:00 horas da madrugada. O navio está exteriormente com todas as lâmpadas apagadas, blackout absoluto. Não é permitido lanterna, nem fumo. Tenho que ir de proa para a popa, onde descerei para o compartimento onde darei o serviço. Passo pela porta que dá saída para o convés, onde encontro uma sentinela: “Oficial de ronda” e ela me deixa passar. Vejo o mar semi-escuro. O navio corre muito: 18 nós, ou seja, 22 milhas, ou ainda, 33 quilômetros horários. Não distingo o comboio do navio composto de dois destróieres, um cruzador e um caça-minas. Quando chego à popa, a porta que permite a descida para o compartimento está fechada! Para não perder a viagem, aproveitei o ensejo a fim de contemplar o ambiente. Não sei se todas as novidades trazem-me emoção, mas a verdade é que o novo panorama era majestoso: este gigante metálico sulcando a imensidão do mar, atirando para os lados grande massa d’água. Assim fiquei quinze minutos. Em seguida, retornei pelo mesmo caminho, tropeçando em botes, cordas, canhões, fios etc. e dando volta pelo interior do navio, chego ao local de serviço.

Após o término de meu quarto de hora, venho à torre

das metralhadoras para assistir ao amanhecer no mar, que é uma verdadeira maravilha.

Às 13:00 horas entro novamente em serviço. Ao descer para o C 303 L, observo que os navios do comboio se afastam para o lado direito do navio. Tudo está calmo, os soldados repousam. Em seguida, ouvimos todos um tiro de canhão. Logo depois, outro tiro! Os soldados se alarmam e tentam subir, todos de uma vez, a escada. Proíbo e os concito a ter calma e aguardar notícias a respeito. Logo em seguida o rádio de bordo falou:- “Oficiais e praças, aos seus compartimentos!” Em seguida deram outros tiros. Pouco tempo depois, um oficial que passava pelo meu compartimento disse:- “Foi exercício”. Ainda, pouco tempo depois, foi ordenado exercício de abandono do navio. Esse exercício é bem interessante. Ficam todos em seus leitos. Há uma sirene que dá o alarme e todos então correm para os botes salva-vidas, previamente designados. Quando o efetivo do navio está bem treinado, tudo se faz com muita rapidez e ordem. Mas os primeiros exercícios notabilizam-se pela grande comédia que resume. Às 21:50 horas, chegou ao nosso camarote um oficial que nos informou que os tiros de hoje não tinham sido de exercícios. Foi vista uma luz e atiraram por prevenção. E os navios do comboio foram patrulhar o local de onde vinha a luz. São 10:00 horas da noite e volto a dar mais um serviço.

10/02/1945 - Hoje fui escalado para dirigir o rancho para as praças C303L. Às 10:30 horas houve exercício de tiros de metralhadora sobre uma biruta rebocada por um “catalina”. Foi majestoso o espetáculo. As metralhadoras “pon-pon”, de quatro tubos, atirando, dão um espetáculo sensacional. A trajetória é perfeitamente controlada por projéteis traçantes. Para encerrar o exercício, ouviu-se uma voz bem alta, que apavorou e transformou o ambiente em si-

lêncio profundo de respeito: o canhão, atirou!

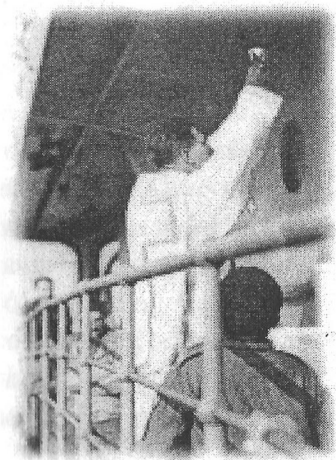
Tento aprender inglês com os “sailors”. Diariamente dou uma “prosinha” com eles. São bem educados e corteses. Os mais conhecidos são Barbieri e o Earl.

Hoje também comecei a aprender o italiano com o capelão de bordo – Padre Alcionilho. A língua das “descomposturas” não é tão difícil.

Estou agora ouvindo um pouco de piano. Vou tocar as três célebres...

Estou quase no fim do livro “Uma viagem à Itália ou o país das artes” de Blasco Ibañes. E assim “morreu” o Sábado de carnaval. Vamos ver o Domingo...

11/02/1945 – É uma hora da madrugada, entro em serviço. Às 10:00 horas assisti à missa. Passei a tarde toda dormindo, em virtude do serviço desta madrugada. Fui assistir o cair da tarde no convés superior e aí fiquei, afogando meu coração de saudades até o alarme de escurecimento total do navio, que foi às 19:30 horas. Chegou hoje o cruzador, que havia ido a Recife reabastecer-se.



*Celebração da missa
a bordo do navio*



Celebração da missa

Prepara-se com grande pompa a festa da passagem do Equador. É uma festa tradicional em todos os meios de transportes que cruzam o Equador. Vou esperar que ela transcorra para melhor poder narrar. Às 20:00 horas entro em serviço. Ouvi algumas músicas de carnaval pelo rádio e terminou assim o domingo de carnaval (que carnaval, e logo este ano que pretendia formar em Cruz Alta o bloco “São Pedro”).

* * *

Passagem do Equador

1. João Almeida & ...
 2. ...
 3. ...
 4. ...
 5. ...
 6. ...
 7. ...
 8. ...
 9. ...
 10. ...
 11. ...
 12. ...
 13. ...
 14. ...
 15. ...
 16. ...
 17. ...
 18. ...
 19. ...
 20. ...
 21. ...
 22. ...
 23. ...
 24. ...
 25. ...
 26. ...
 27. ...
 28. ...
 29. ...
 30. ...
 31. ...
 32. ...
 33. ...
 34. ...
 35. ...
 36. ...
 37. ...
 38. ...
 39. ...
 40. ...
 41. ...
 42. ...
 43. ...
 44. ...
 45. ...
 46. ...
 47. ...
 48. ...
 49. ...
 50. ...
 51. ...
 52. ...
 53. ...
 54. ...
 55. ...
 56. ...
 57. ...
 58. ...
 59. ...
 60. ...
 61. ...
 62. ...
 63. ...
 64. ...
 65. ...
 66. ...
 67. ...
 68. ...
 69. ...
 70. ...
 71. ...
 72. ...
 73. ...
 74. ...
 75. ...
 76. ...
 77. ...
 78. ...
 79. ...
 80. ...
 81. ...
 82. ...
 83. ...
 84. ...
 85. ...
 86. ...
 87. ...
 88. ...
 89. ...
 90. ...
 91. ...
 92. ...
 93. ...
 94. ...
 95. ...
 96. ...
 97. ...
 98. ...
 99. ...
 100. ...

Assinaturas dos oficiais do camarote 106, que atravessaram a
 linha do Equador no dia 12-02-1945, às 17:30 horas com destino
 a Itália.

12/02/1945 - Levantei-me indisposto. À bordo continuam fortes os preparativos para a festa do Equador. Houve exercícios de tiros. O cruzador do comboio fez um belíssimo tiro em tempo. À noite fui ao cinema (este navio é uma verdadeira cidade, melhor do que muitas em terra firme) assistir a “Two girls and one sailor”. Após a sessão entrei em serviço. Meia noite, eu e os fantasmas tomamos um formidável banho para terminar com a 2ª feira gorda.

13/02/1945 - Logo de manhã soube que havíamos passado o Equador às 17:30 horas de ontem e que devido à hora, a festa seria realizada hoje, às 10:00 horas. Bem, vou aprontar-me e arranjar um bom local para assistir à festa.

10:00 horas. Começou! É um verdadeiro carnaval. Chegou todo fantasiado a bordo o rei Netuno com a respectiva rainha e sua corte. Percorrem todo o navio. Depois levam a efeito o batismo no ringue de box. Há cantos, danças, etc. Depois com um pincel e um balde batizam de surpresa os que assistem. É interessante esta festa.

Estou terminando de ler “Três meses na Itália”. Houve exercício de tiro. Atiraram o cruzador em combinação com o General Meigs. O cruzador hoje atirou mal.

Os destróieres que nos acompanham são Mariz, Barros e Grenhalf. À noite, assisti ao filme “Mil e uma noites”. Entrei em serviço e assim foi-se o último dia de carnaval.

14/02/1945 - Estou começando a sentir falta da comida brasileira, de bom arroz com feijão. Fui para o convés, logo de manhã, para ouvir música de vitrola. Felizmente, hoje, foi avisado que a refeição ia ser brasileira. Ótimo! Coincidiu com a minha vontade! E desta vez foi servida uma “big” feijoada. Após o jantar, fui obrigado a dar “milhões” de voltas para fazer a tonelada, isto é, o quilo...

4ª feira de cinzas... verdadeiras cinzas...

15/02/1945 - Às duas da madrugada dei ronda. Melhorei da indisposição. Comi melhor. Sinto-me perfeitamente bem a bordo, o que não era de se esperar, pois em matéria de viagem, enjôo até o pé... Vou ao convés para ler um pouco.

Apesar de há nove dias estar vendo céu e água, a viagem não tem sido monótona. Além de divertimentos que existem a bordo, passo horas a recordar e como se vive!...

O jantar de hoje foi à brasileira. Todos os 18 ocupantes do beliche estão agora reunidos. Apelidamos de “Os 18 do Forte”. Mantemos nosso espíritos alegres. Vou agora para o “second deck” para entrar em serviço. Hoje escrevi três cartas: família, Coronel Osmino e oficiais do 6º RAM. Estou com um pouco de febre, pois tomei a quarta dose das vacinas.

16/02/1945 - Às 4:00 horas levantei-me e entrei em serviço. O rádio de bordo avisou que hoje, à meia noite, os relógios deverão ser adiantados em 30 minutos. Com esta, perfaz a terceira mudança de horários: primeira – duas horas, ao terceiro dia de embarque; segunda – no dia 14 – trinta minutos e a terceira – hoje – trinta minutos.

Estamos muito perto da costa da África. Ontem passamos por Cabo Verde, nas proximidades de “Rio de Oro” no extremo noroeste da África. Vi, depois de dez dias de céu e água, o primeiro indício de terra: dois pássaros sobrevoaram o navio. É a indicação das proximidades do Continente Negro. Todos a bordo ficamos satisfeitos pela visão das aves, tão iguais às que Cabral vira, para depois descobrir a Terra de Santa Cruz, há 445 anos. À noite escrevi cartas.

17/02/1945 - Iniciei o dia de hoje dando serviço. Escrevi para mamãe, Maria e parentes. O dia foi insípido.

18/02/1945 - Levantei-me às 4:00 horas da madrugada para o terrível e paulificante, além de persistente ronda! Às 10:00 horas assisti à missa, que foi muito bonita: no altar as duas bandeiras o ladeavam. A prática foi agradável e bonita: Em seu término o capelão disse: - “Que a espada vos defenda e a cruz vos abençoe”. Às 11:30 horas escrevi mais uma carta à noivinha. Às 12:45 horas apareceu um navio espanhol, igual ao que foi visto no terceiro dia de bordo. Parece parado. O cruzador foi ao seu encontro e logo depois o deixou. Será que a Espanha está fazendo algum papel na 5ª ?

O mar de hoje todo enfeitado pelas espumas ocasionadas pelas contra-ondas. O frio já começou e anda forte. Por isso andamos todos em pura lã. O mar tem uma cor verde escura, diferente do mar do meu Brasil, tão azul. Bem, isto deu-me saudades e o remédio é desfazer-se delas, transpirando-as em cartas, que vou escrever. Recolhi-me ao camarote. Escrevi as cartas. Tive insônia por causa das saudades: do meu “chão” que eram grandes e da minha noiva que eram maiores.

19/02/1945 - Está previsto passarmos Gibraltar, hoje. Esperemos, pois, esta grande emoção, para os marinheiros de primeira viagem.

Antes do almoço surgiu, no céu, vindo do Mediterrâneo, um dirigível, que ao chegar perto do General Meigs, fez a volta e nos comboiou. Às 13:45 horas avistamos terra: era o Continente Negro! Mais tarde, uma hora talvez, o mar estava coalhado de navios: cruzadores, couraçados, submarinos etc. todos pertencentes à Inglaterra, senhora absoluta dos mares. Tinham o mesmo destino nosso: Itália. Estes navios nos acompanharam por algum tempo, mas em virtude da velocidade do Meigs, deixamo-los em breve. Surge agora, o continente Europeu. Meu Deus! Parece um sonho. De uma vez só vendo com meus próprios olhos

dois continentes: a Europa e a África! Quando podia eu ter pensado isto quando criança, estudante de Geografia? À esquerda a Europa, terras da Espanha, o célebre Cabo de Trafalgar, que nos fez lembrar o grande marinheiro Nelson! Em seguida surgiu Tarifa, a primeira cidade do mundo a cobrar tarifas, daí o nome. O seu farol é deslumbrante. A seguir, amparada por montanhas, surge Algecira. À direita, a África, a começar pelo Cabo de Espartel, depois Tânger, logo Ceuta. Finalmente, do lado Europeu, aparece um penhasco poderoso, deslumbrante, uma fortaleza quase inexpugnável, a maior do mundo, o psiu! do Mediterrâneo, a pedra que representa o poderio Inglês: Gibraltar! É espetacular a entrada do Mediterrâneo. Meu coração vibrou ao passar este célebre estreito do mundo. Gibraltar é uma península no sul da Espanha, na província de Cadiz. É uma possessão inglesa. População de 18.000 habitantes. Sua posição geográfica como chave entre o mar Mediterrâneo e o Atlântico torna-o uma posição altamente estratégica. Seu pequeno território foi conquistado pelos ingleses em 1704, por ocasião da guerra de sucessão da Espanha. É a base naval mais importante do Império Britânico. O estreito tem 50 quilômetros de largura.

Ao entrarmos no Mediterrâneo, os cruzadores brasileiros Mariz, Barros e Greenhalf deixam de fazer parte do comboio. A despedida realizou-se assim: o Mariz e Barros avança e volta, com sua guarnição formada no convés, passando bem perto do nosso navio, que também tem todos os passageiros no convés e nos envia uma mensagem: - “Felicidades aos expedicionários do Brasil”. E nós levamos três vivas a esse bravo destróier. Um outro espetáculo de grande sensação para nós é ver entre tantos navios estrangeiros, na entrada do Mediterrâneo, o nosso Greenhalf, desfraldando o **“auri-verde pendão da minha terra”**.

Estamos agora em pleno Mediterrâneo. Vou escrever aos meus e a minha noivinha e aos primos do Sul, esta maravilha que meus olhos contemplaram hoje.

20/2/1945 - Passamos o dia a namorar o continente africano. À tarde pelas cinco e meia, apareceu Argel, capital da Argélia, por onde passaram famosos exércitos desta guerra, assim como sejam 5º Exército Americano e African Corps. Argel é uma cidade de aspecto interessante. É toda longitudinal, estendendo-se pelo litoral por uns 40 quilômetros. O navio levou uma hora a percorrê-la. Tem 250 mil habitantes. De binóculo vi o porto. Foi nesta cidade que o Almirante francês Darian foi assassinado. À noite recebemos as rações “D”, “B” e “S” para o desembarque a efetuar-se daqui a dois dias possivelmente. Estas rações são do tamanho de uma caixa de sabonete, mas elas contêm tudo: ovos, carne, café desidratado, limonada, balas, chocolates e até cigarros. É fantástico o nosso **amigo americano**: que organização exemplar!

Bem, vou parar aqui para dar a célebre ronda.

21/02/1945 - Hoje avistamos Bizerta. É um porto de mar do protetorado francês na Tunísia, a 60 quilômetros a noroeste de Túnis. Foi antiga colônia de Tiro (local do drama de Shakespeare: Péricles, o príncipe de Tiro). Tem 35 mil habitantes. Recebemos ordem de nos prepararmos para o desembarque que será amanhã, com início logo após a chegada a Nápoles. A recomendação do rádio proibia levar para a terra dinheiro americano e recomendava que nada bebêssemos, por causa dos vários envenenamentos por licores, que se vendiam nos bares.

Vou agora para meu camarote, a fim de arrumar minha mala “A”. Estão pesadíssimas as minhas malas. Devemos desembarcar bem agasalhados, pois o frio está tremendo.

Vim até o convés ver os “Boni-Fratelli”, que são dois rochedos igualzinhos, por isso são chamados dois irmãos.

Bem, são 10:00 horas da noite, vou dormir porque amanhã teremos um dia de trabalhos.

O desembarque na Itália

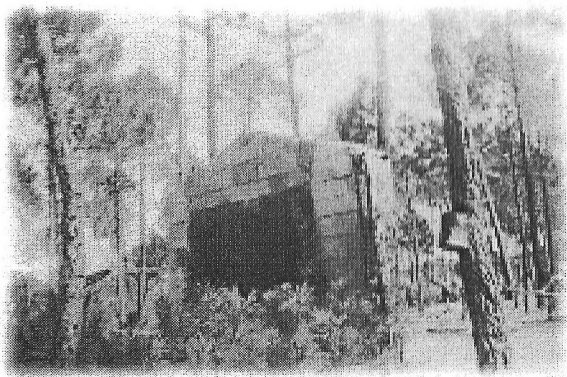
“Quarentena” - os preparativos para o combate.



Carlos enfrentando o terrível inverno Europeu



Carlos com foguete na mão



Casamata, ou ninho de metralhadoras



Carlos diante de um buraco provocado por bomba

22/02/1945 - Último dia de bordo! - Às 8:45 horas chegamos ao golfo de Nápoles. Da entrada, avistamos a famosa ilha de Capri. Tem 7.500 habitantes. Seu solo é essencialmente calcário. Foi residência favorita do Imperador Tibério. Famosa pela sua Gruta Azul, muito apreciada pelos turistas. Deus permita que eu possa ir vê-la “in loco”

Do lado direito, da boca aberta para Herculano e Pompéia, o famoso Vesúvio. Tem uma altura de 1.280 metros. Único vulcão ativo da Europa, famoso pelas terríveis erupções. Aterrou Herculano e Pompéia no ano de nossa era. Passamos agora pelo célebre Castelo de São Carlos (800 anos).

Levamos 5:30 horas desembarcando. Ao descermos do navio, entrávamos logo num caminhão para seguirmos para “Standing are” onde deveremos passar a quarentena,

que o americano obriga a fazer. Ficamos alojados na Universidade dos Balilas, que servia de educandário para a mocidade fascista. Vou descrever minha primeira impressão do povo italiano e da Itália.

Ao percorrermos algumas ruas da cidade quando rumamos para este acantonamento, vi a população da cidade dando-nos vivas e aclamando-se mutualmente, para a posse do cigarro ou do tablete de chocolate.

O porto, todo destruído, abrigava em suas ruínas famílias que, com certeza, ficaram ao relento com os bombardeios.

As casas ao redor do porto, também todas quase totalmente destruídas. Mas mesmo assim eram ocupadas pelos seus moradores. Notava-se que o povo tinha fome. As fisionomias isso denotavam. Mostravam-se alegres, talvez por interesse.

Crianças de todas as idades, completamente sujas e esfarrapadas, implorando qualquer coisa para comer, eram vistas por todos os lados. Coitados! Era de cortar o coração de qualquer mortal. Assim, na mais alta miséria encontrei eu esta tão cantada Nápoles!

Estou em uma das janelas da Universidade contemplando o maravilhoso golfo de Nápoles. Das inúmeras chaminés da cidade, uma ou outra está funcionando, indicando assim que se produz o que resta para este pobre povo. A bandeira dos Estados Unidos tremula nos mais altos edifícios da cidade. Bem perto da Universidade está acantonada uma Cia. Italiana, para dar guarda ao Edifício. Ao menor gesto de traição deste, os americanos mandam fuzilar, sem mais aquela. Crianças morrem de frio e fome, ficam percorrendo o acantonamento, meninas e meninos juntos numa grande promiscuidade, implorando uma migalha de qualquer coisa “per Dio”.

Como aparecem aos bandos, a guarda italiana (!) os expulsa a tiros, mas eles disso têm tão pouco medo, que logo depois voltam, novamente. Vejo duas crianças sentadas na linha férrea que, tremendo de frio, pedem alguma coisa para comer. Pobre Itália, “Poveri Popoli”.

Dentro de uma hora nos será servido o jantar. Há tudo, nada nos falta. Os **americanos** recebem 5.000 homens como se fossem apenas cinco. Agora recordo os 800 homens que recebi no Morro do Capistrano. **Que diferença! Que organização impecável!**

23/02/1945 - O frio durante a noite foi terrível. Só consegui dormir altas horas da noite, apesar do saco de penas, que nos foi dado pelos americanos. Quando me levantei, meus dedos estavam completamente endurecidos. São servidas três refeições ao dia. Breakfast, dinner e supper. Comi macarronada italiana, frutas e doces. Houve hoje nova modificação em minha sub-unidade e passei a comandar novos homens, num total de 100.

Depois de um bom jantar fui para a porta da Universidade, para contemplar a tarde que, calma e indiferente, a tudo e a todos ia cedendo lugar à noite. O sol doirava a ilha de Capri transformando aquele pedaço de terra num lindo e mavioso bloco de ouro. O Vesúvio, como que um imenso cachimbo, desprendia seus gases, em forma suave de fumaça. A cidade calma, como depois de um dia de trabalho intenso, preparava-se para anoitecer, na expectativa de uma manhã melhor. As grandes chaminés continuam sem fumaça.

24/02/1945 - Hoje não amanheceu tão frio. Fizemos uma marcha sobre Nápoles. Num momento de repouso, tive oportunidade de ver mais de perto o italiano, ou melhor o napolitano. O homem vende tudo que tem ou troca por um maço de cigarros ou um pedaço de chocolate. A mulher oferece sua honra, pela contingência da fome e do

desespero de uma menos sofredora. É terrível uma nação invadida! O dinheiro nada vale. Compra-se mais com um maço de cigarros ou um pedaço de chocolate do que com 500 liras!

Estou agora na mesma janela de sempre a contemplar a grande avenida que passa em frente à Universidade. Os soldados brasileiros dão aos banhistas italianos alguma coisa de comer e estes saem correndo a dar às suas mães que do outro lado da cerca esperam, talvez, a primeira refeição do dia.

Bem, vou fechar este meu diário para contemplar a natureza e ver o quanto é belo e bom o meu Brasil!

25/02/1945 - Ao amanhecer soubemos ter sido a cidade sobrevoada por um reconhecimento alemão. Hoje recebi roupas de lã: capote, camisas, blusas e um formidável galochão. Recebi ainda meu capacete de aço.

À noite fui reconhecer um abrigo anti-aéreo para o meu pelotão. Tem uma área para comportar 6.000 homens, isto é, no conjunto de duas divisões. Tivemos ordem de ficarmos alertas para o caso de bombardeio.

Dei alguns cigarros em troca de um anel com desenho do Vesúvio.

26/02/1945 - pela manhã fizemos nova marcha, desta vez pela parte sul da cidade. Passei pela famosa “Gruta del Cane”, a célebre Gruta do Cão dos livros de Química. Tem este nome, por ser impossível, somente aos cães, a entrada, ou melhor, a animais menores que 60 cm. Um cão que penetrasse nessa gruta morreria em 30 minutos e um coelho em 75 segundos. A gruta fica no fundo das Termas, hoje ocupada por tropas americanas.

Observei várias casas de colonos, todas de rija construção e a maioria de pedras. Não há um só lugar que este-

ja cultivado. O italiano é de fato um povo muito trabalhador. Sente-se entretanto que lhes faltam terras para cultivar.

Ao regressarmos da marcha, viemos cantando a canção da artilharia.

Hoje entrei em serviço, o primeiro na Itália. Por alguns cigarros ganhei uma pulseira de um italiano.

27/02/1945 - Hoje fui escalado com o Herculano para darmos patrulha, a fim de evitar a fuga para Nápoles, isto é, para o centro da cidade, pois era proibido, em virtude de estarmos de quarentena. Distribuí meus homens sob o comando do 3º Sargento Ubiratan Tamois, que desempenhou com muita consciência e honestidade o seu trabalho. Terminou por prender um 2º Sargento e quatro praças, que imediatamente responderam a IPM, o qual terminou à 1:00 hora da madrugada. Perto de meia noite encontrei um italiano sentado no meio fio de uma calçada. Perguntei-lhe o que fazia e entabulei com ele um diálogo.- “Estou repousando”, disse ele. Da conversa o resumo é este: foi professor de inglês e espanhol. Em resposta ao meu pedido para que contasse a história de Nápoles e também sobre a política italiana, contou-me:- “estive na guerra da Grécia. A opressão aqui na minha Pátria era absoluta, 99% do povo era forçado a ser forçado e que Mussolini, com a sua oratória, havia enganado o povo. Hoje, tenente, a Itália é isso que o senhor ainda pouco conhece: miséria, tristeza e depravação moral decorrente da lei de sobrevivência”. Estava na hora de dar uma ronda. Dei-lhe um cigarro, ao que me disse:- “Grazie” e eu lhe respondi, comovido:- “Prego”.

28/02/1945 - Logo pela manhã soubemos que havia sido permitida a nossa ida a Pompéia, a cidade museu, soterrada no ano 70 da nossa era.

Às 14:00 horas saí de caminhão, levando meu pelo-

tão, incorporado à 5ª Cia. Depois de passarmos por diversas ruas de Nápoles: Praça Garibaldi, Corso Umberto I, Porto etc., tomamos a estrada belíssima que nos conduziria a Pompéia, o que levou 1:10 horas (45 km). Chega-se a uma pequena praça com dois enormes portões. Quando desci do caminhão, fui cercado por inúmeros vendedores, salientando-se várias moças. Comprei duas facas típicas, um broche e alguns livros de vistas de Nápoles e Pompéia. Comprei por chocolates. A uma italiana de rosto moreno bronzeado, tão lindo quanto sujo, dei um tablete de chocolate em troca de um broche contra mau olhado. Depois de pagar 30 liras, um guia conduziu-me pela cidade museu. Vi o museu, na fonte a plebe bebia água. Vê-se nas bordas do tanque de pedra, nos lugares onde se colocam as mãos para apoio, os sinais como um sulco feito pelo constante uso. Depois vi a basílica com o calabouço. Depois o templo de Júpiter, as casas que formavam a Rua do Comércio, lavanderia, farmácia, casa das odaliscas, cujas paredes são ornadas de pinturas pornográficas. Aqui, disse-me o guia: - “isto ruboriza o turista, mas é preciso compreender que naquele tempo (20 séculos atrás) tudo isto era natural, devido à idéia da época. Vê-se por toda a parte, como setas indicativas de direção, grandes pênis, que para os da época significavam boa fortuna (bona fortuna). Do mesmo modo os cabides das casas. Os lampiões da casa do poeta nobre Menandro tinham formas sexuais”.

Em seguida, passamos pela Rua Vesúvio, em cujo fim está o gigante fumegando. Comprei nesta rua um tubo de vidro contendo diversas erupções do Vesúvio, lançadas em março de 1944. Depois rumamos para a Praça dos Esportes que tanto era apreciada por Augusto César. Vi o local da piscina; entramos por um túnel e saímos no anfiteatro. No museu estão dentro de caixões de vidros algumas vítimas da destruição de Pompéia, conservadas em gesso.

Num deles aparecem ainda os dentes!!! Vítimas, mortos de 20 séculos!!! Segundo o guia, as vítimas estão numa posição que bem denota o sofrimento da hora da morte. Vimos ainda objetos daquela época: portas, fechaduras etc. Coisa bem interessante são as casas dotadas de supra-pluvia e infra-pluvia. Depois ainda de muito andar e muito ver e conhecer, sentei-me numa daquelas ruínas e comecei a rodar meu pensamento pelos tempos ginasiais e recordar-me das primeiras notícias deste local, que nunca pensaria poder estar vendo. Pompéia é o resumo de uma época. Cidade fundada 500 anos antes de Cristo, era o lugar do prazer e da aristocracia romana. Contava 30 mil habitantes. Teve uma primeira destruição no ano 63 da era cristã e foi finalmente destruída em 79. As escavações começaram em 1748, o que tem permitido grandes elucidações da vida romana.

E assim regressei encantado com estas maravilhas, com esta Itália, com este grande país das artes, que reúne em si a história do mundo.

E pela estrada afora não me cansei de ver esta linda Itália, este ex-reino europeu, que ocupa a parte do mundo, que parte o Mediterrâneo em dois, fora suas ilhas e colônias. Sua superfície é de 312.000 Km quadrados. Sua população é de 42 milhões de habitantes. O país é montanhoso, tendo por cordilheiras principais os Apeninos e os Alpes. Seus célebres rios Tigre, Arno, Pó e Adige são os mais importantes. As grandes diferenças de alturas provocam um clima bem variado. A agricultura é uma das mais importantes explorações, bem como existem grandes variedades de frutas e cereais. A parte mais adiantada da Itália é o norte, onde estão localizadas as grandes indústrias. Depois da desintegração do Império Romano, surgiram, na Península Itálica, vários estados independentes. Algumas cidades tornaram-se ricas e poderosas, vindo a dominar as

suas vizinhas, formando-se assim ducados como o de Veneza, Milão, o reino de Nápoles e o Estado Papal. Foi nesta Itália que se iniciou o Renascentismo.

Na primeira Grande Guerra Mundial, a Itália lutou ao lado dos aliados anglo-franco-americanos, e pelo Tratado de Versalhes, recebeu o sul do Tirol até o Passo do Brenner, Trieste, Ístria e as ilhas Dalmácias. Possuía também a Somália, a Eritréia, a Cirenaica e a Tripolitânia, no continente africano. Em 1922, o partido fascista de Mussolini efetuou a célebre marcha sobre Roma, estabelecendo daí, até pouco antes da queda da Itália nesta guerra, um estado totalitário. Em 1936 ocupou a Abissínia. Em 1939 invadiu e ocupou a Albânia. Formou-se aí a aliança Roma-Berlim. Em 1940 atraiçoou a velha França. Neste mesmo ano e começo de 1941, perdeu para os ingleses suas possessões na África. Em 1941 declarou guerra à Rússia, em dezembro de 1941, aos Estados Unidos. Em agosto de 1942, ajudou a colocar a pique, traiçoeiramente, os navios costeiros do Brasil (é por isso que estamos aqui, vingando esta traição aos nossos irmãos).

Bem, já estou começando a irritar-me. Vou descansar um pouco; 10:00 horas da noite. Um clarão fortíssimo entra por dentro do nosso alojamento. Todos levantamos rápidos e fomos à janela. Poucos segundos depois, a artilharia antiaérea americana, sediada em Nápoles, abria cerado fogo. Ouviam-se gritos incríveis da população de Bagnoli.. Fiquei com o Herculano apreciando aquele majestoso bombardeio de 88. Alguns minutos depois, o reconhecimento alemão deixou a cidade, infelizmente, ilesa. Voltamos todos para os leitos de campanha e “torei”.

01/03/1945 - Hoje comentou-se o fato de ontem. Presume-se que o reconhecimento tenha conseguido algumas chapas fotográficas.

O cardápio hoje é que começou a repetir. A fartura é grande.

À tarde sentei-me no patamar e como nunca me canso, de novo, comecei a admirar o romanesco Golfo de Nápoles. Tive vontade de ouvir e cantar “Torna a Sorriento”. O sol morria por trás de Capri, embelezando-a magnificamente. Mais uma tarde em Nápoles.

02/03/1945 - Voltei a visitar Pompéia outra vez, pois da primeira não me satisfiz bem.

03/03/1945 - Remeti fotos de Nápoles e Pompéia para minha mãe, noivinha e primos do Sul. Correu boato que foram condenados a morte dois pracinhas brasileiros, por crimes de morte e estupro.

04/03/1945 - Hoje foi para mim um dia lindo. Vi pela primeira vez cair neve. Oh! Natureza, como tens coisas lindas. Domingo, dia de missa. Às 9:00 horas um sino triste chama pelos fiéis, para um conforto espiritual, já que o material por longos dias já se foi. O Vesúvio, à tarde, fumegou mais intensamente. É impressionante para o marinheiro de primeira viagem. A terra fuma... Quanta coisa estou conhecendo...

05/03/1945 - Levantei-me às 5:30 horas. Preparei-me a mim e ao meu pelotão para partirmos, hoje às 14:00 horas, para Livorno.

Tomamos as gôndolas (caminhões que transportam 50 soldados de uma só vez) e chegamos ao porto de Nápoles. Aqui embarcamos no navio, cujo nome pareceu-me não existir. Na falta, apelidamos de “chiqueiro flutuante”. O alojamento para oficiais era no porão de carga, que foi adaptado com beliches. À noite não dormi, devido ao frio intenso. Felizmente, amanheceu!



UM OFICIAL DA F. E. B. NA CIDADE DE PISA — No foto acima vê-se o expedicionário brasileiro, segunda tenente de artilharia Carlos de Azevedo, mais das suas pitorescas viagens da cidade de Pisa, Itália. O brilhante oficial encontra-se atualmente em Nápoles, na seção de Embaixada, encarregado da regressão de nossas tropas para o Brasil. A fotografia que reproduzimos foi endossada pelo tenente Carlos ao nosso diretor, Dr. Geraldo Monteiro, de quem é uma particular

Bra

Um bilhete restaurado Fala sobre os objetivos

Deverá seguir, amanhã, para os Estados Unidos da América do Norte, o comandante Mário Calcinetta, diretor do Laide Brasileiro. Como é do conhecimento público, a sua viagem, que deverá encerrar-se no Canadá, se prende ao resgateamento de nossas tropas mercenárias, fraudulentas, no momento, para a realização das suas atividades em vista dos afundamentos motivados pelas baixas acentuadas do Kino.

Durante pelo jornalista, o comandante Calcinetta fez as seguintes declarações:

— Vou aos Estados Unidos para completar a primeira parte do programa de restauração para o Laide. Deverão ser encaminhados cerca de 200 brasileiros para o serviço transatlântico, que, com os seus 10 contrabandos no Canadá, restam 300 unidades militares.

Carlos e amigo em frente a Torre de Pisa. Esta foto foi publicada em um jornal de grande circulação no Brasil.

06/03/1945 – O navio deixou o porto de Nápoles às 16:45 horas da véspera. Durante a noite fui obrigado a levantar-me para gastar uma lata de D.D.T. inteira, a fim de matar certos “bichinhos”.

Com o amanhecer veio o alívio. Às 10:00 horas da manhã passamos por Piobino, local de fábricas de munição, atualmente em poder dos americanos. Ao meio dia passamos pela ilha de Polmolar, e pouco depois estávamos na direção de Elba, pequena ilha situada entre a costa

Toscana e a ilha de Córsega. Tem uma superfície de 223 km quadrados e 32 mil habitantes. Faz parte da província de Livorno, região montanhosa, muito rica em ferro. Serviu de residência a Napoleão depois de sua primeira abdicação (1814-1815).

Fiquei muito emocionado em ver essa famosa ilha, famosa não por si, mas por ter sido o desterro primeiro do maior General da Idade Moderna, do grande gênio militar: Napoleão Bonaparte!

Às 13:30 horas começamos a ver Livorno. Sobre o porto havia vários balões cativos, fazendo parte da trama de aço contra incursões aéreas. À entrada do porto, na sua totalidade destruídos pelos bombardeios, viam-se navios de toda espécie semi-afundados. Bem original foi o nosso cais de desembarque: o costado de um navio bombardeado que fora adaptado para este fim. Depois de uma difícil manobra, ancorou o nosso navio e iniciamos o desembarque.

Tomamos de novo as gôndolas e iniciamos a viagem para Stafoli, o que levou 3:15 horas. Passamos por Adágio, cidade pequena, com um interminável depósito de caminhões, tanques, bombas, aviões encaixotados e um grande aprovisionamento de boca. Informações do motorista diz ser a reserva para a batalha do Vale do Pó. Pisa, grande cidade. Atravessamos o Arno (lembrei-me de mamãe) e contornamos a cidade. Pouco depois o motorista, que era um negro americano, disse-me: “Look the inclinal” e meus olhos, ávidos, por longo tempo, admiraram a mais célebre das torres do universo.

Lembrei-me do Ginásio São José de Pouso Alegre, MG, onde na 4ª série, o meu professor havia contado a história. Apesar das leis físicas continuarem a existir aplicadas à torre, ela nos parece um desafio à gravidade. Pisa pertence ao Estado de Toscana, tem 74 mil habitantes.

Possui famosos monumentos: o Batistério, a Catedral. Pisa é a capital da província de Pisa. Antigamente, esta fora um grande feudo, inteiramente cercado por um muro, que até hoje existe, todo de pedra. A cidade é longa. Pouco depois, o caminhão subia uma rampa e deixava Pisa, com seu muro e sua torre. Passamos em seguida por “piccoli paesi”: Pericolo, Rigoli, Solo Passage di Alteza, Lucca, que é uma cidade boa e antes de Stafoli encontramos Campanari, que me emocionou, pois vi uma escola (devia ser grupo) funcionando, coisa rara na guerra. Às 8:00 horas da noite, chegamos a Stafoli. Quando descemos, qual não foi minha surpresa, o oficial designado para nos mostrar o local de acantonamento era o velho Raposo, fiquei satisfeitíssimo. Agradei-lhe por ter conseguido a minha vinda para a Itália, como participante da FEB. Fomos apresentados ao Comandante da Cia., na qual ficaríamos: Capitão D’Agostini. A recepção foi ótima, até bolo nos foi oferecido. Depois reunimo-nos, eu, Raposo e Herculano e conversamos muito. Fiquei contemplando a nova natureza, o céu e depois fui dormir, cheio de saudades da minha noivinha e dos meus.

07/03/1945 - Hoje, depois de irmos ao café (graças a Deus, não é mais breakfast), fui apresentar-me. Sou classificado na 15ª Cia. do 4º Batalhão (artilharia, apesar de ser batalhão). Passei o dia a conhecer o acampamento. Durante a noite fui aquecer-me numa boa fogueira, onde revi todas as fotos que havia levado. Do nosso acampamento, ouvimos os tiros de inquietação da artilharia do 5º Exército. O acampamento está todo cercado de campos minados, pois era o local de grande paiol de munição italiano. Disseram-me que já tinha havido vários acidentes. Procurei em seguida minha triste barraca de campanha, em busca de um sono reparador.

08/03/1945 - De manhã fui assistir a uma aula de

granada anti-tanque e fumígena. Atirei com ambas sobre um tanque real de exercício. Às 6:00 horas da tarde apareceu no acampamento o meu colega de turma, Tenente Porteco, que me convidou para ir até a região onde estava o grupo de caça. Consegui, eu e Herculano, uma licença de três dias. Às 20:30 horas partimos rumo a Suviano, onde estava a esquadrilha de observação aérea (cinco quilômetros do front). Tomamos a estrada, ou melhor a “route” número 64 e passamos por Montecatini, Monsumano, Pistoia, onde está o QG da DIE, Porreta, cemitério dos brasileiros, QG avançado. Atravessamos os Apeninos, verdadeira maravilha de alturas. À meia noite chegamos a Suviano. Dormi na sala de operações da esquadrilha. Muito frio, passei mal a noite. A situação da guerra hoje é a seguinte:

Frente Ocidental: a guerra no oeste levou as tropas britânicas a 15 milhas de Bremen, segundo porto da Alemanha e as forças americanas a 10 milhas de Hannover. Quando os ingleses atingirem Bremen, todos os alemães que combatem na Holanda serão isolados. Ao norte de Eassel, o 1º Exército americano atravessou o rio Weser. O 3º Exército do General Patton avançando sobre Erfurt, inutilizou dois contra-ataques do inimigo. Nos primeiros cinco dias deste mês os exércitos aliados que combatem no oeste fizeram mais de 146 mil prisioneiros, numa média de duas divisões alemãs por dia.

Frente Oriental: Moscou informou ontem à noite que os soldados do Exército Vermelho se empenharam em lutas de rua na cidade de Viena. A capital austríaca está totalmente cercada e vários dos seus subúrbios já foram capturados.

Frente do Pacífico: a 3ª Esquadra norte-americana afundou seis navios de guerra japoneses, incluindo o Yamato, um dos maiores vasos de guerra do Japão, num

encontro entre as duas esquadras em Ryukyu. Foram abatidos 391 aviões inimigos. As perdas americanas atingiram três destróieres e sete aviões. Os fuzileiros navais em Okinawa avançaram 5.000 jardas de território inimigo. A resistência continua tenaz no sul. Super fortalezas, escoltadas por caças, partidos da base naval de Iwo-Jima atacaram Tóquio e Nagoya. Na Birmânia, o 15º Exército japonês foi abatido pelo 14º inglês, de tal maneira que não poderá mais ser contado como efetivo de guerra. A vitória foi considerada a maior da guerra da Birmânia.

Frente aérea: 1.300 fortalezas voadoras da Grã Bretanha atacaram ontem bases aéreas, depósitos de munição de gasolina e óleo e duas de ferro ao norte da Alemanha. As fortalezas foram escoltadas por 850 caças. Foram abatidos 63 aviões alemães. Bombardeiros pesados partiram de bases da Itália, atacando centros de comunicação ao norte da Itália, pela terceira vez consecutiva. Ao longo do passo do Bremen algumas linhas foram cortadas em vários pontos.

Frente italiana: as tropas do 5º Exército melhoraram algumas posições ao norte do Monte Folgocito, sobraçando o setor da Ligúria. As forças do 8º Exército no Adriático melhoraram as suas posições na extremidade sul do lago Comacio.

09/03/1945 - Ao raiar do dia levantei-me e procurei arranjar um carro para ir à linha de frente e ver se conseguiria falar com o velho Fagundes. Ofereceu-me o carro o meu colega de turma Mário Dias. É um ¾. Rumamos, então, de início por uma horrível estrada. Passamos pela maior represa da Itália: Suviano; depois vimos a de Pavana. Pelas margens da estrada, vi quantidade enorme de munição abandonada pelo americano (para deixar assim, imagine-se a quantidade que não possui). Quando atingimos o

Castelo Roquera Matei fomos alertados por uma sentinela americana para que descêssemos a capota e tampássemos o pára-brisa, porque na entrada da curva do Castelo iniciava-se o enfiamento das vistas alemãs. Felizmente passamos a parte enfiada sem sermos molestados pelo inimigo. Assim chegamos à posição do Grupo Escola. Depois fomos a Gajo Montano. Passamos a célebre ponte de Sila etc., até chegarmos a Lisano, em Belvedere, onde estava a 3ª Cia. do 2º Grupo. Aqui encontrei com um colega de turma, Monção Soares. Foi grande a satisfação de nos vermos, novamente. Depois do almoço fomos com o mapa analisar as posições de Cias. e Observatórios. À nossa frente, o célebre Belvedere, a menos de 1.500 metros, que por três vezes o alemão retomou. À minha direita, Castelo, que custou a baixa de 800 homens entre mortos, feridos e desaparecidos. De volta, passando pelo 11º RI, vi o Iporam, com grandes características de guerreiro. Continuando nosso regresso, passei pelo QG de Porreta, onde encontrei-me com o Tenente Coronel Sena Campos e o Capitão Cangussu. Ao cair da tarde chegamos de novo a Suviano. Esta represa foi totalmente destruída pelos alemães. **Os americanos com o cérebro** e os italianos com os braços estão reconstruindo-a. Depois de jantar, sentei-me numa torre fronteira à represa e comecei a conversar com meus botões. Que vale maravilhoso entre tantos que formam os Apeninos. Embaixo, um riacho passa indiferente a tudo e a todos, nos dando de beber aqui e matando a sede do inimigo acolá, não é mais do que um verdadeiro símbolo de paz! À noite fui conversar com o Pedro Galvão, outro bom amigo.

10/03/1945 - Bem cedo fui ao campo da esquadrilha para voar, mas o tempo não permitiu. Às 3:00 horas da tarde iniciamos nosso regresso. Em Pistoia fomos à cantina e jantamos na DIE.

A passagem dos Apeninos foi uma coisa deslumbrante: a estrada contornando as montanhas cobertas de neve, cidades vistas do alto transformavam-se em presepes. Campos cultivados, inteiramente, impressionavam-nos pelos desenhos lindos que formavam. Encontramos o tempo todo divisões de tanques que passavam para a grande concentração, para a investida do Vale do Pó. Os Apeninos são bem interessantes. Seu ponto principal é o Como Grande, no Gran Sasso d'Itália com 2.914 metros de altura. O sistema de cadeias é pobre de metais, mas rico em mármore. É muito ramificado, formando os montes subapeninos e pré-apeninos. Entretanto, em tudo via-se a mão bélica do tedesco, que não respeitava nem o rancho humilde daquele que não sabia diferenciar a paz da guerra, porque sofre em ambas, nem o castelo dos poderosos que padecem, por saberem diferenciar uma da outra.

Às 20:00 horas chegamos a Stafoli. Vi um certo movimento de viaturas e perguntando o que era, informaram-me que levavam os oficiais para inauguração de um cassino verde-oliva, distante de Stafoli três quilômetros. Imediatamente fiz a barba, vesti-me de trânsito e também fui inaugurar o cassino. Era um lindo castelo. Dancei com uma senhorita nobre, mas que apesar disto quase ficou alucinada de alegria quando lhe falei que ia lhe dar dois tabletes de chocolate!

Comecei a aprender nesta festa alguma coisa de italiano. Aqui na Itália, vou acabar aprendendo o Esperanto. É uma terrível confusão de inglês, português e italiano.

Às 3:00 horas da madrugada voltamos para o acampamento.

11/03/1945 - Hoje, domingo, tiramos o dia para arrumarmos nossas barracas. Eu e Herculano deixamo-la de ponto em branco e lhe demos o nome de "Vila Maria".

Minha mãe deve estar triste hoje, pois não fui à missa. À noite deitei-me com o “silêncio”, que foi o melhor tocado e ouvido na minha vida militar.

“Assim quis o destino - O encontro com o amigo de infância em plena guerra”

12/03/1945 - Ao me dirigir para Stafoli, a fim de fazer um levantamento topográfico, ouvi alguém que me chamava. Olhei e qual não foi a minha surpresa. Era o Fagundes, o velho Fagundes! O maior dos amigos, desde a infância, o herói de Castelnuovo. Tive a honra em tê-lo em minha companhia. Veio a Stafoli somente para ver-me. Que amizade recíproca! Hoje é raro uma amizade como a nossa: tem base de sinceridade. Estava magro e de cavanhaque. Em seguida rumamos para a minha barraca e conversamos muito. Ora, como é engraçado este mundo. Quando que, nos nossos tempos de infância, podíamos supor este encontro na velha Europa e numa guerra! Ao chegarmos a minha “casa”, tratei de fazer-lhe um café à mineira, que foi servido com queijo e chocolate. Querendo presentear-lhe pelo sucesso de Castelnuovo e não tendo nada, dei-lhe os meus óculos!!! Depois fomos conversar. Falamos de tudo e de todos. Tiramos fotos. Lembramos de Pouso Alegre. Contou-me suas aventuras. Depois fomos dar umas voltas no acampamento até que chegou o momento de sua ida. Fiquei radiante com a visita deste grande amigo.

13/03/1945 - Hoje, visitou o acampamento o Comandante do 5º Exército Mascarenhas de Moraes. À tarde nos foi exposto o próximo teatro de operações: o Vale do Pó.

14/03/1945 - De manhã fiz tiros de carabina .30, fazendo em 15 tiros, 14 impactos (lembrei-me agora de quando fiz parte da equipe campeã da AD/3). Fizemos estudos

das metralhadoras alemãs: lourdinha e costureira. São in-críveis em sua cadência: 1.100 tiros por minuto.

Na hora do almoço não encontrei minha marmita. “Afanaram”. Pedi a de meu ordenança (Soldado Penteado, do 6º RAM e de minha ex-bateria, 3º). Estou um tanto nostálgico. Deitei-me às 7:00 horas da noite.

Os dias 15 e 16 foram dedicados a trabalhos de topografia: levantamento Stafoli. No dia 17, houve uma aula dada pelo Coronel Arquimínio. Péssima, assunto para cabo. O meu comandante avisou que amanhã os oficiais de artilharia iriam a Florença.

18/03/1945 - Às 7:00 horas já estava sentado num caminhão 3/4 e logo depois percorria a route 64 e 65, em demanda de Florença, que foi alcançada duas horas depois. Paramos em frente do hotel dos brasileiros. Logo em seguida fomos conhecer a cidade. Em primeiro lugar fui ao Palácio Vecchio. Chamei um guia para melhor apreciar aquele templo de história e arte. É também chamado o Palácio da Senhoria. Foi construído no período de 1298 a 1314. Sua torre mede 94 metros de altura. Nele residiu o Duque de Atenas, em 1342. O Grão Duque Cosimo I de Medici (1540-50) e seus sucessores ficaram e recentemente foi sede do governo provisório com a Câmara dos Deputados e o Ministério do Exterior. No seu interior, ressalta o salão dos 500, onde se reuniu o Conselho dos Comuns. Este salão mede 53 metros de profundidade, 22 de largura e 18 de altura. Era muito conhecido de nome na História Universal do 1º ano de Ginásio. Os quadros que ornamentam o salão medem 4x10 e apresentam a guerra para a conquista do ducado de Florença, a história de Florença. Alguns desses quadros são: “Cosimo Cresto Duca de Firenze” (de Ligozzi); “I Fiorentini vincono i Pisani a San Vincenzo” (a vingança dos florentinos sobre os pisanos

em São Vicenzo); “I Fiorentini danno assalto a Pisa” (de Vassari). De Rossi encontramos os domínios de Hércules: com Ippolita, Anteo e Caco. E assim na mesma beleza e arte vi outros inúmeros quadros. Pode-se facilmente escrever um livro sobre o Palácio Vecchio. Visitei a alcova de Eleonora, esposa de Cosimo I. Passei para o quarto das Sabinas, que recorda o episódio romano do rapto. Outros quartos vêm em seguida: Ester, Penélope e Gualdrada. Depois visitei a capela Del Priori, dedicada a São Bernardo. No altar, em uma caixa de ouro e vidros, os ossos de São Bernardo. Isso disse-me o guia. Achei meio esquisito, pois esta relíquia não poderia estar aqui, em todo caso... No salão de audiências, que fica depois da alcova de Catarina de Médici e da biblioteca, há no teto uma pintura magnífica representando os quatro elementos: água, fogo, terra e ar. Na sala Del’ orologio, o teto é decorado em ouro e o piso reproduz o teto a fim de imitar o sol fazendo sombra, lindíssimo, uma verdadeira maravilha! Do lado de fora, a estátua do Rei Netuno. A estátua de Francisco I estava recolhida num corredor do Palácio, em virtude dos bombardeios. Tirei várias fotos e paguei 400 liras ao guia. Tomei uma condução e fui jantar. Jantar puramente brasileiro, por 40 liras. Em Nápoles come-se uma pastasciutta por 800 liras!.

Após o almoço visitei a Catedral de Florença, ou melhor o Duomo de Firenze.

Foi iniciada em 1296 por Arnolfo de Cambio e terminou 165 anos após. Custou 18 milhões de florins-ouro. Seu revestimento externo é de mármore policromo: branco de Carrara, verde de Prato e vermelho de Maremma. A frente atual da catedral foi inaugurada em 1887 e foi projeto de Emilio de Fabris. Tem 150 metros de fundo por 90 de largura. A porta principal é riquíssima, tem 28 quadros tra-

balhados a mão e representam atos religiosos. Seu interior é algo maravilhoso. A cúpula tem 45,52 metros de diâmetro e 91 metros de altura sem a lanterna. Lá dentro senti-me como num grande lugar, completamente oco, em que eu senti-me pequenino. O som reproduzia-se ao menor ruído. Possui duas sacristias: a nova e a velha. Algo interessante é o Campanário, um dos monumentos mais admirados de Florença. Foi iniciado por Giotto em 18 de julho de 1334 e terminou com Tallenti em 1359. Tem 85 metros de altura, é todo decorado e tem uma forma característica. O que de fato mais chama a atenção e empolga é o trabalho a mão na porta norte. São, como disse, 28 quadros sendo 10 de tamanhos iguais e os outros variados. Representam o antigo testamento. Batistério é o nome que Duomo recebeu até a metade do século X. Fui até o altar e ajoelhando-me, rezei. Ao sair do Duomo fui ainda uma vez vendo suas estátuas que representam os apóstolos. Na porta principal tirei uma foto com soldados de outros países que também estavam visitando o Duomo, inclusive um da Índia e outro da África do Sul. Depois rumei para a ponte sobre o Rio Arno e que tem a particularidade de ser habitada. Há várias pontes sobre o Arno: ponte da Vitória (moderna, construída em 1928, por Bruno Ferrati, em memória dos fiorentinos mortos em 1914-1918). Existe a ponte de Carraia, S. Trinità, e Grazie, nesta existe um altar dedicado à Virgem das Graças. Porém, de todas, a mais interessante é a que fizemos referência primeiro: a ponte habitada chama-se Vecchio, de origem romana. Quando ela foi reconstruída, o arquiteto ornou-a de vitrines, que se transformaram em lojas e desde 1539 são ocupadas por joalherias.

Foi-me mostrado o local onde está a Igreja, na qual estão enterrados Dante e Galileu. Eram 6:00 horas da tarde e até então só tinha visto coisas antigas.

Senti necessidade de ver qualquer coisa moderna e parti para a Piazza Garibaldi, onde havia o “Musical Box” americano. Entrei. Pouco depois começava um show, verdadeiramente alucinante, pelos seus números pitorescos. Houve, entretanto, dois números que chamaram a atenção: uma dança havaiana, dançada por uma italiana linda, cujas roupas, por mais que se procurassem, não foram encontradas e uma outra dança: Amapoula, que dançou com muita graça e originalidade. Em vez de folha de parreira, usaram-se três papoulas...

Depois de farto “lunch” fui ao clube brasileiro, muito familiar... só no nome. Mal cheguei, conheci breve uma italiana chamada Fiorela, que me pediu logo chocolate e que lhe desse um copo de chianti. Satisfiz-lhe o desejo. Em seguida disse-me que queria ensinar-me dançar um fox trot americanizado. Aceitei e fiquei “laché”. Às 3:00 horas da madrugada chegava eu a Stafoli, satisfeito por ter conhecido Florença, a célebre Florença dos Médicis.

Os dias 19 e 20 foram dias normais de trabalho e no dia 21 fui ao front com Raposo. Fiquei no centro de remuniciamento com o Capitão Pinto de Carvalho, vulgo Zepelim, futuro primo por afinidade. Dormi numa boa casa e...

22/03/1945 - ...bem cedo levantamos e fomos ao Morro do Castelo e ao Morro Belvedere. Quando chegamos ao primeiro, percebi pelos “fox-hole”, destruições e abrigos, o esforço monstruoso dos pracinhas brasileiros para a conquista desse ponto avançado da linha de alturas, frente a Bolonha e cuja conquista muito facilitou a superioridade de nossas posições diante do inimigo. Agora estamos ocupando uma linha de alturas, enquanto o inimigo ocupa e ao mesmo tempo procura outra linha de alturas, uma grande baixada. Nesta grande baixada ou panelão existe uma casinha branca, de cuja chaminé saía fumaça. Pensei então,

o que estaria fazendo para comer aquele ou aqueles tedescos que ocupavam aquela humilde casinha, se no momento tudo lhes falta. Depois de muito e demoradamente vermos tudo, fomos para o Quartel General da Artilharia Divisionária. Lá falamos com o General Cordeiro de Farias e lhe entreguei uma carta que o primo Gay lhe havia enviado, por meu intermédio. Visitamos todas as seções do QG e depois regressamos para a região de Porreta. À noite regresssei a Stafoli.

23/03/1945 - Assumi o comando da 14ª Cia. Tomei medidas higiênicas que eram demais necessárias e com latas vazias de leite condensado fiz na entrada da Cia. o distintivo do “cobra fumando”.

Os dias 24, 25, 26, 27 e 28 foram normais de guerra, apenas que no dia 25, Domingo, assisti à primeira missa na Itália.

29/03/1945 - A situação da guerra no dia de hoje é a seguinte:

Frente Ocidental: os tanques do Marechal Hodge procederam a um novo avanço de 19 milhas da cidade capturada de Wuetziar, apoderando-se agora de Giessen, 69 milhas a leste do Reno e a menos de 230 milhas de Berlim. Enquanto o 1º e o 3º Exércitos americanos reuniram-se na margem oriental do Reno, onde uma extensão contínua de 50 milhas da margem do rio ao sul de Coblenz acha-se agora em poder dos aliados.

Frente Oriental: as unidades russas estão agora a menos de 60 milhas de Viena. Forças soviéticas tomaram Savar a apenas 20 milhas da fronteira austríaca. Na sua terceira ordem do dia, o Marechal Stalin anunciou a queda de Sydnyia, importante porto e base naval.

Frente Italiana: atmosfera carregada e intensa chuva

dificultaram as atividades nas frentes do 5º Exército, ontem. No setor central, as patrulhas informaram que várias localidades que haviam servido como cenário de muitos combates, há poucas semanas estão quietas e limpas do inimigo.

Frente do Pacífico: os desembarques de tropas de Cebu nas Filipinas foram agora oficialmente confirmados pelo General Mac Artur. O desembarque foi efetuado em Talisay, a cerca de 5 milhas ao sul da cidade de Cebu. Fica Cebu nas Filipinas centrais entre Leyete e Negros.

30/03/1945- Logo de manhã fui ver as últimas notícias sobre a guerra que são as seguintes:

Frente Ocidental: as forças blindadas do 1º Exército atingiram um ponto a 15 milhas ao nordeste de Briton, à margem da planície do Ruhr. Os tanques do 3º Exército avançaram 20 milhas a fim de atingir Lauterdach. A grande cidade de Mannzrhein no Reno rendeu-se às tropas do 7º Exército do General Petch que aprofundou agora a mais 13 milhas a sua Cabeça de ponte a leste do Reno, O 9º Exército capturou Hambom. Desde junho de 1943, as tropas que combateram na frente ocidental fizeram aproximadamente um milhão duzentos e cinquenta mil prisioneiros.

Frente Oriental: tendo atingido a fronteira austríaca, as forças do Marechal Tolbukim estão agora a 33 milhas ao sul da grande cidade industrial austríaca de Wienemeustadt. Numa frente de 100 milhas, os Vermelhos estão atacando com grande rapidez, enquanto os alemães se retiram em pânico. Ao norte, o Marechal Malinovik juntou-se às tropas que estão para atacar Viena, agora a apenas 50 milhas de distância na sua parte ocidental. Danzig já está limpa dos alemães.

Frente Italiana: as chuvas restringiram a visibilidade nas frentes do 6º Exército e do 8º Exército. Não foram no-

ticiados outros pormenores.

Frente do Pacífico: do longínquo oriente, a cidade de Cebu, capital da ilha do mesmo nome, nas Filipinas, foi capturada pelos americanos. As perdas foram pequenas e a cidade, com população de 75 mil habitantes, foi fortemente danificada pelas turmas de demolição japonesas, embora o porto tenha sido tomado virtualmente intacto. Super fortalezas voadoras tornaram a atacar Kiushu. Todos os japoneses maiores de dezessete anos serão chamados à luta. Ainda super fortalezas voadoras atacaram a área industrial japonesa de Nagoya, partindo da base nas ilhas Marianas. Outras fortalezas atacaram os depósitos de gasolina e óleo em Singapura.

Frente Aérea: o maior assalto de bombardeios levado a efeito contra portos alemães procedeu-se hoje por 1.400 bombardeiros pesados americanos que atacaram Hamburgo, Bremem e Wilhelmshave. Os bombardeiros sem escolta atacaram estradas de ferro em Viena e Graz, auxiliando o avanço russo na Áustria. Bombardeiros médios atacaram o passo de Bremen.

Outras notícias: Hitler falará ao povo nos próximos dois dias, segundo fontes bem informadas. No comentário semanal o General Ditmar perguntou se vale a pena continuar a luta. Fiz no acampamento melhores medidas de higiene, fazendo de latas velhas encanamentos para as águas da casinha e do banheiro, para evitar água parada e consequentemente formação de larvas de mosquitos da malária. Inaugurei uma cisterna de 10 metros de profundidade. Para retirarmos água, improvisamos uma talha de madeira (pinheiro). Fiz distintivo da cobra fumando. Ficou muito interessante. Foi batida uma chapa fotográfica. Continuo apurando o acabamento da capela da Cia., feita com o papelão das caixas de alimentos. Recebi cartas.

31/03/1945 - Hoje fui a Montecatini, cidade termal e de turismo da Itália. Dista, de onde estou, 45 minutos. À noite fui às termas e dancei com belas “ragazze”. O casino é muito bem decorado e artístico. Conheci nessa noite uma tunisiana, filha de italianos, muito bonita, cujo nome é Lúcia. Sua vida é uma tragédia. Estava na Tunísia onde residiam seus pais. Certo dia foi à aula de música e quando voltou sua casa tinha sido bombardeada e todos os seus, mortos. Daí veio para Milão com um avião alemão. Empregou-se numa companhia de teatro. Com a chegada das tropas aliadas a Milão, veio para Montecatini com um capitão inglês. É super sentimental e tristonha (menos seria com tanta desgraça?). O baile terminou às 2:00 horas da madrugada e eu, Herculano e outros fomos dormir no Hospital que foi o único lugar que conseguimos e por sinal a cama foi maravilhosa, muita mola e muita lã.

01/04/1945 - De manhã fomos tomar o breakfast do Hotel Ítalo-Argentino. Às 10:00 horas fui ao banho nas termas. Caramba! Cheguei a dormir na banheira. Que água maravilhosa. Naturalmente quente e toda azulada. Era mineral alcalina. Imagine um banho dessa natureza em plena guerra! Que sorte. À tarde fui a um baile de Páscoa, num recanto muito lindo que a primavera começava a premiar. Por sinal quem convidou-me para esse baile foi a Lúcia. Dançamos bastante e ao voltarmos disse-me: “Mille grazie, rido tenente, augurio e buona pascoa”. E eu “Prego signorina, augurio anche voi”. “Che bella sera!”. Regressei.

02/04/1945 - Hoje fui nomeado para um IPM. Requisitei uma viatura para levar-me ao front, pois aí se encontram as testemunhas.

03/04/1945 - Às 6:30 da manhã parti. Uma das testemunhas encontrava-se no PC do 2º Grupo. A outra era o observador avançado Morro da Torracia, em La Torre.

Quando cheguei no PC do 2º Grupo, informaram-me que só no dia seguinte poderia falar com o Tenente Mendonça (testemunha), observador avançado, destacado na Cia. do Capitão Covas. Aproveitei então o resto da tarde para ouvir o Capitão Motta. Nesta noite fui dormir no Trem de Munição, cujo comandante é o Zepelim (Tenente José Pinto de Carvalho). À noite ouvimos rádio, conseguindo ouvir a América do Sul. As notícias do dia de hoje sobre a guerra são as seguintes:

Frente Ocidental: a 6ª Divisão blindada do General Patton avançou 12 milhas ontem, a nordeste de Kisenback e encontra-se a mais de meio caminho da fronteira alemã até Berlim. Outras forças do 3º Exército estão lutando em Kassel. Uma ligeira penetração no teatro de operações do 21º Grupo veio revelar tropas aliadas através do Canal de Otmundina e dentro da grande cidade de Munster. As tentativas alemãs para romperem o cerco do Ruhr, onde aproximadamente 100 mil homens foram isolados pelo 1º e 4º Exércitos.

Frente Oriental: bombardeiros pesados da 15ª Força Aérea, na Itália, partindo de Baserna atacaram ontem cinco importantes objetivos nas proximidades de Viena, para onde convergem as tropas russas por dois lados. As tropas soviéticas estão à vista de Bratislava, ao alcance da artilharia de Wiener-Neustadt e a 22 milhas de Viena. Estações de rádios vienenses já avisaram o povo ontem à noite que a capital austríaca não será declarada cidade aberta, mas sim defendida.

Frente do Pacífico: a Cabeça de ponte dos americanos na ilha Okinawa, do arquipélago Ryukiu, ao sul do Japão, é calculada em 5 milhas de largura e 3 de profundidade. Os americanos continuam a avançar sem encontrar grande resistência. Os japoneses informam que os ameri-

canos desembarcaram numa outra ilha a 60 milhas ao oeste de Okinawa.

Frente Italiana: aqui na Itália não há novidades nas frentes do 5º e 8º Exércitos. As operações têm-se limitado a patrulhas. Um só encontro, para o inimigo resultou em 10 baixas.

Frente Aérea: super fortalezas voadoras procederam a um ataque a baixa altitude sobre uma fábrica de aviões em Tóquio, lançando bombas de alto poder explosivo.

04/04/1945 - Às 8:00 horas parti rumo a La Torre. Neste morro que fica à frente de Castelo e à direita de Belvedere, de quem olha para o norte, está aferrada ao terreno a 6ª Cia. do 2º RI, sob o comando do Capitão Covas. Tomei a estrada que vai para Gajo Montano, até uma encruzilhada, em que havia uma Igreja bombardeada. Fato interessante: só estava de pé uma Cruz e nela pregado o Senhor somente com a cabeça, um pedaço do corpo e dos braços! Ao redor da Igreja tudo estava minado. Não foi sem dificuldades que consegui atravessar esse lugar, rumo ao PC do 2º Batalhão do RI, pois a estrada era apenas uma trilha e minas pelos lados. Quando cheguei ao PC, avisaram-me que não chegaria a La Torre com uma viatura $\frac{3}{4}$ e somente de jeep e o Capitão, ligação da Artilharia, Gilberto de Oliveira, emprestou o seu jeep. E assim cheguei ao PC da 6ª Cia. Falei com o Capitão Covas e este indicou-me o lugar do "Fox-Hole" do observador avançado, Tenente Mendonça. Pediu-me que atravessássemos rastejando, em virtude do bombardeio de morteiro que naquele momento o alemão desencadeava.

Esperei um pouco até que finalizasse o contra-bombardeio que o 2º Grupo de artilharia estava executando contra os morteiros "tedescos" e depois por entre árvores e abrigos, correndo por aqui, rastejando ali, consegui che-

gar ao abrigo do Tenente Mendonça com o meu sargento escrivão. Surpreendi o observador fazendo uma regulação sobre o PC de uma Cia. do 1.044 RI que operava em nossa frente. Depois de esperarmos acalmar a situação, expus ao Tenente Mendonça ao que vinha e desincumbido a minha missão, pedi à Central de Tiro permissão para executar um bombardeio (aproveitando a ocasião). Fui atendido. Tomei a luneta e vasculhando a frente informei ao Mendonça que vi saindo de uma casa três alemães. Ele informou-me ser aquela casa uma enfermaria. Passei a procurar outro objetivo. Encontrei duas casas na terra de ninguém, porém com movimentos de gente. Pedi ao Mendonça que certificasse do que vi e ele disse: “Faça a regulação”. Chamei pelo rádio;- “Central. Aqui 06 – Grupo de casas, coordenadas 252-473: pronto para observar”. E logo em seguida sibilou por cima de minha cabeça, o projétil “Curto 50” “Eficácia”. E daí a pouco só vi telhas, tijolos, terra etc. subirem ao alto e correndo em direção contrária à nossa um homem. “Missão cumprida!” Voltei ao PC e depois fui à cota 1011, onde encontrei o meu colega de turma Da Hora. Aqui fiquei com ele observando os movimentos do inimigo. À esquerda de nossa posição havia uma Igreja em cuja torre, segundo informações chegadas pelo rádio naquele momento, havia um ponto de observação alemão. Pouco depois a Central pediu informações se da 1011 via-se a tal Igreja. Identificamos pelas coordenadas dadas. Ficava num cruzamento de estradas. Eram 12:20 horas. Informamos que era bem visível e a central marcou um bombardeio para as 13:30 horas. Fiquei aguardando com ansiedade essa hora, porém infelizmente veio-me o recado de que o Capitão Gilberto de Oliveira precisava do jeep. Tive que sair, entretanto quis levar umas recordações daquele lugar e foi assim que dei uma volta pelo local achando, num abrigo de metralhadora alemão, um diário de um sol-

dados alemão, sua pá, seu capacete com retrato, casquete, e vários outros objetos, todos em seu poder. Esse soldado tinha sido enterrado ao lado do abrigo. Tirei o capacete de cima do túmulo. Assim cheio de “ricordos” voltei para Stafoli.

Dias 5, 6 e 7 foram dias normais de guerra.

08/04/1945 - Hoje, inaugurei a capela que fiz de caixas de papelão para os soldados católicos. Houve grande número de comunhões e a presença de muitos oficiais. A missa esteve muito bonita, foi às 10:00 horas.

Dos dias 9 a 13, portanto, cinco dias, não houve acontecimentos que merecessem destaque e aproveitando, fiquei anotando em meu diário a situação de guerra, que ouvia pelo rádio.

Fui a Montecatini no dia 14/04/1945, e continuando as anotações em meu diário, chamou-me atenção a seguinte nota: o secretário da presidência, Sr. Stethen T. Eart, anunciou a morte do Sr. Franklin Delano Roosevelt, ocorrido ontem em sua residência de verão de Warm Springs, na Geórgia. A morte do Sr. Presidente foi quase repentina em consequência de uma hemorragia cerebral, às 4:35 horas da tarde, ou seja, às 10:35 horas da noite, aqui na Frente Italiana. O Sr. Roosevelt estivera sempre sob observação médica, ultimamente, porém, o seu estado geral não inspirava cuidados. A Sra. Roosevelt, que se encontrava em Washington, seguiu de avião imediatamente para Warm Springs. O Sr. Harry Truman, Vice-presidente da República, assumiu automaticamente a presidência, prestando o juramento à meia noite de ontem na capital do país. Em seu primeiro pronunciamento em público, após a investidura de suas novas funções, declarou que a Conferência de São Francisco será realizada com os planos já estabelecidos anteriormente e embora a morte do Sr. Presidente Roosevelt

tenha sido sentida em toda a nação aliada, a luta continuará.

Dos filhos do Sr. Presidente, Srs. Hélió e James estarão presentes na ocasião do ato fúnebre. O Sr. Franklin Júnior e o Sr. John não estão em condições de se afastarem de suas obrigações no Pacífico.

Uma agência de propaganda alemã publicou nos jornais em longo artigo com o seguinte título: “Franklin Roosevelt, o maior criminoso de guerra de todos os tempos e a maior força motriz desta guerra mundial, morreu”. A agência acusava o Sr. Roosevelt de causador da guerra e dos sofrimentos que ela traz consigo e que lhe causa grande satisfação o fato de ele ter morrido quando ela atingia agora o seu clímax.

Dias 15, 16 e 17 continuei as anotações no diário sobre a situação de guerra em todas as frentes.

18/04/1945 - Fizemos 107 prisioneiros alemães e houve vários feridos e mortos. O moral de nossa tropa é elevado. Tudo se faz para derrubar o terrível tedesco.

Os dias 19, 20, 21, 22, 23 e 24 - foram dias normais de guerra, e continuei com as minhas anotações no diário (conforme notícias que recebia pelo rádio).

25/04/1945 a 02/05/1945 - Hoje a situação de guerra é a seguinte:

Frente Italiana: num grande avanço, as forças aliadas atravessaram o rio Pó e capturaram Ferrara, Modena e La Spersia, além de terem feito mais de 40 mil prisioneiros. Os pontos de travessia do Pó são conservados em silêncio, enquanto o 5º e o 8º Exército continuam progredindo numa larga frente, com golpes que os levarão ao coração do norte da Itália.

Frente Ocidental: tropas do 3º Exército americano,

avançando ao sul de Munique e Berchtesgaden, atingiram alguns pontos a apenas uma milha de Regensburg sobre o Danúbio. Forças do 7º Exército capturaram Ulm e já avançaram 15 milhas a leste da cidade. Ao norte, Bremen foi, para todos os efeitos, cercada quando os tanques do Marechal Montgomery avançaram até três milhas dos arredores do leste da cidade.

Frente Oriental: dois grupos do Exército soviético fecharam um anel de aço (colunas blindadas) em volta de Berlim, enquanto foram feitas penetrações mais profundas pela capital. A rádio de Moscou anunciou ontem à noite:- “Os Exércitos Vermelhos estão agora nos seus preparativos finais para a histórica junção com os seus aliados”. Isto pode ser considerado como prenúncio do fato que será anunciado pelas capitais aliadas.

Frente do Pacífico: tropas americanas ao sul de Mindanau avançaram 32 milhas, dividindo a ilha japonesa em duas partes. Artilharia naval e aviões de transporte continuam a auxiliar as tropas americanas na sua dura luta pela posse de Okinawa do sul. Fortalezas voadoras com bases nas Marianas atacaram uma fábrica de aviões a 20 milhas a oeste do Palácio Imperial em Tóquio.

03/05/1945 a 14/05/1945 - A guerra está quase chegando ao seu final. Continuo com as minhas anotações no diário, conforme informações que recebo por rádio.

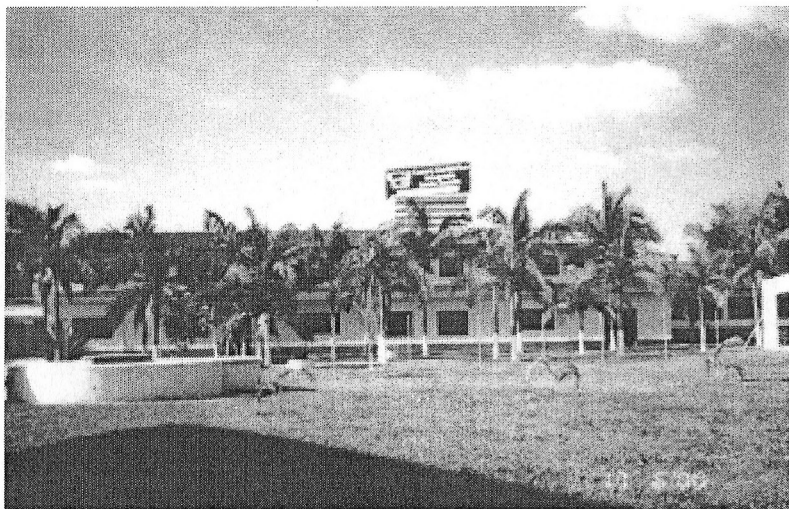
15/05/1945 a 19/05/1945 - Realizamos exercícios de tiro de armas portáteis. Alcancei 95 pontos em 100, na carabina .30. Atravessamos um campo de tiro. Este consiste em fazer um percurso de uns 100 metros sob fogo real de metralhadoras, passando a uma altura de 60 centímetros. Tem-se que atravessar em marcha rastejante e posuir muito sangue frio. Qualquer descuido, encontra-se a morte. Felizmente tudo bem. Foram feridos doze soldados e morreram três, num exercício de tiro de bazuca.



18

19

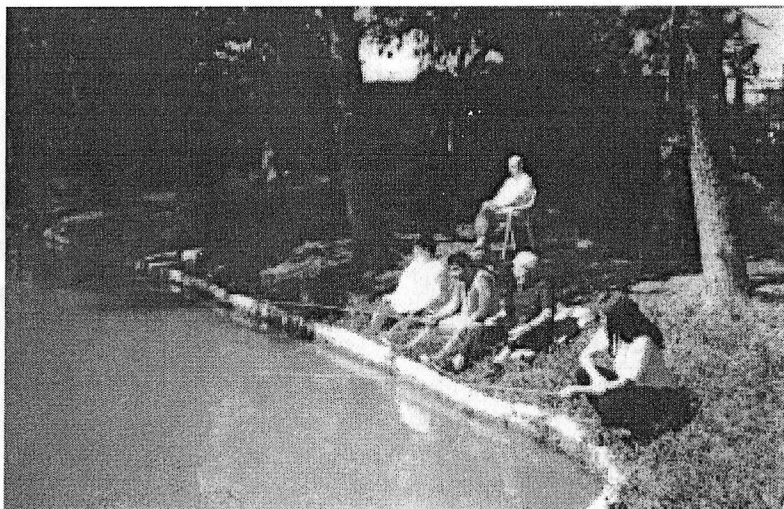
Vista parcial do CGI, onde Carlos encontra-se desde 02/05/1998.



Dormitório do Carlos no CGI.



Hóspedes do CGI em pescaria



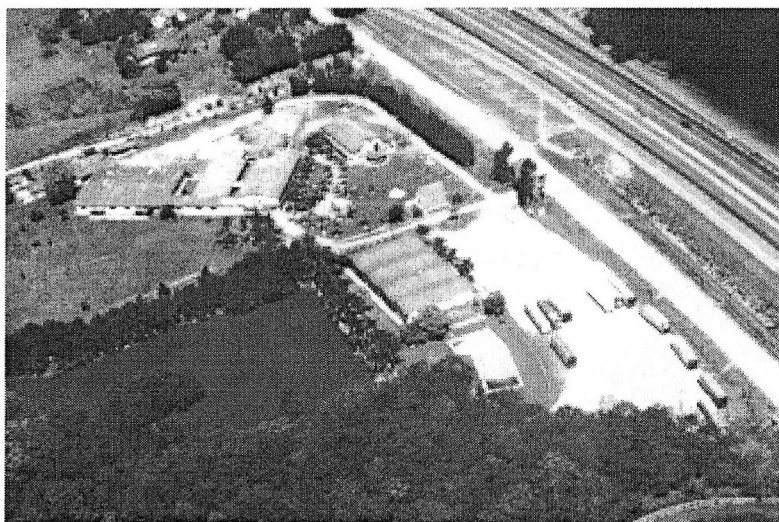
*Vista do lago do CGI com hóspedes praticando laborterapia -
Terapia Ocupacional*



Vista do lago e Salão de Festas do Jardim do Vovô (CGI)



Vista aérea do Jardim do Vovô (CGI)



DIAGRAMAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO:



**Gráfica
e Editora
Irmão Gino**

*A nossa qualidade faz
a sua diferença.*

Rua 7, nº 25 - Loteamento Santa Angelina
e-mail: graficagino@uol.com.br

Fone: (35) 3423-7340 - Fax: (35) 3423-4324 - Pouso Alegre - MG



Este livro trata de uma história verídica em que foram narrados surpreendentes acontecimentos com testemunhos que puderam enriquecer com maiores detalhes passagens marcantes da vida de Carlos Azevedo.

Ao adquirir este livro você está contribuindo para as obras assistenciais da Associação Beneficente da Paróquia de Santo Emídio.